



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA FUTURA PROFESSORA DE
BIOLOGIA: DA ESCOLA A UNIVERSIDADE. *É O BASTANTE?*

EDIANNE COUTINHO DE LIMA E SILVA

FORTALEZA

2017

EDIANNE COUTINHO DE LIMA E SILVA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA FUTURA PROFESSORA DE
BIOLOGIA: DA ESCOLA A UNIVERSIDADE. *É O BASTANTE?***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas Licenciatura Plena da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S579n Silva, Edianne Coutinho de Lima e.
Narrativas autobiográficas de uma futura professora de biologia : da escola à universidade. É o bastante?
/ Edianne Coutinho de Lima e Silva. – 2017.
70 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

1. Formação de professores. 2. Narrativas autobiográfica. 3. Ensino de Biologia. I. Título.

CDD 570

EDIANNE COUTINHO DE LIMA E SILVA

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA FUTURA PROFESSORA DE
BIOLOGIA: DA ESCOLA A UNIVERSIDADE. *É O BASTANTE?***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas Licenciatura Plena da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Me. Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, a qual agradeço imensamente pelo dom da vida, por cada conquista e pelo sentido que dá a todas as coisas.

A Maria Santíssima por sempre me conduzir e amparar em seu colo maternal.
(*“Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt” - São Luíz Maria Grignon de Montfort*)

Aos meus pais e minha irmã pela base familiar qual sou envolvida até hoje e toda dedicação dada a mim.

Ao Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva pela orientação, paciência, escuta, conselhos e por acreditar que poderia ir mais além, exemplo de Educador.

A todos os professores a qual tive a oportunidade de conviver da escola a universidade.

A todas as bolsas e estágios a qual estive envolvida, por toda experiência adquirida e aos alunos a qual tive oportunidade de ensinar.

Ao curso de Economia Doméstica e aos meus amig(a)s que conquistei durante os anos vividos, permanecendo em minha vida até o presente momento.

Ao curso de Ciências Biológicas a qual me formo, a todos os professores e profissionais envolvidos.

Aos meus colegas de turma da Ciências Biológicas 2013. 1 pelo companheirismo, carinho e pelos abraços fraternos que sempre recebo ao encontrá-los.

Aos meus amig(a)s que são tesouros de Deus, por todos os conselhos e cuidado.

As pastorais e comunidades católicas a qual o Senhor me conduziu durante minha vida, sendo sustento, locais de formação pessoal/espiritual e aprofundamento no Senhor.

“É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.” (Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho aborda as vivências do período escolar e universitário de uma futura professora de biologia por meio das narrativas autobiográficas, sendo estas um instrumento de investigação ao mesmo tempo que um instrumento formador. Por meio do relato de vivências do Ensino médio, da escolha da primeira profissão em Economia Doméstica e as vivências nesse curso, seguida pela mudança de curso para Ciências Biológicas, com suas variadas experiências em bolsas, como o PID (Programa de Iniciação à Docência), PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), PIBIC (Bolsa de Iniciação Científica), Grupo de estudos em educação e as experiências em estágios supervisionados, evidenciam a decisão diária em seguir na licenciatura. Apropriar-se de sua própria história, como é o caso dos estudos autobiográficos tornam o próprio autor o objeto desse estudo. São revistas as memórias do passado a reflexão constante sobre a nossa trajetória de vida, tornando-se significativo como um elemento formador e em constante mudanças por variações do olhar a cada momento de análise. E o professor é esse profissional que necessita estar atento as ações diárias refletidas em sala de aula. E não é diferente para uma futura professora de biologia.

Palavras-chave: Formação de professores. Narrativas autobiográficas. Ensino de Biologia.

ABSTRACT

The present work approaches the experiences of the school and university period of a future teacher of biology through the autobiographical narratives, being these an instrument of investigation at the same time as a formative instrument. By means of the report of experiences of High School, the choice of the first profession in Domestic Economy and the experiences in this course, followed by the change of course to Biological Sciences, with its varied experiences in scholarships, such as the PID (Initiation to Teaching Program), PIBID (Scientific Initiation Grant), PIBIC (Educational Initiation Scholarship Program), Group of studies in education and experiences in supervised internships, show the daily decision to continue in the degree. Taking ownership of his own history, as in the case of autobiographical studies, makes the author himself the object of this study. Memories of the past are reviewed constantly on our life trajectory, becoming significant as a formative element and constantly changing by variations of the look at each moment of analysis. And the teacher is this professional who needs to be attentive to the daily actions reflected in the classroom. And it's no different for a future biology teacher.

Keywords: Teacher's Learning. Autobiographical Narratives. Biology Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Foto de despedida do terceiro ano lado da minha Professora de Biologia.....	20
Figura 2 - Turma do terceiro ano do Ensino Médio.....	21
Figura 3 - Trote do Curso de Economia Doméstica- 2009.2.....	22
Figura 4 - Turma de Ciências Biológicas – 2013.1.....	26
Figura 5- Projeto Iracema – Pibid Biologia	30
Figura 6 – Projeto Cosmos – Liceu de Messejana	31
Figura 7 - Debate político no Liceu de Messejana- Pibid Biologia.....	32
Figura 8- Projeto “Guia Gastronômico”.....	34
Figura 9- Foto registrada logo após o Aulão do Enem.....	35
Figura 10 – Alguns dos Integrantes do Bioeduc- 2014.....	37
Figura 11- Apresentação do Coral Vozes da Saúde (UFC)– Colégio Santa Cecília.....	38
Figura 12- Foto nos Encontros Universitários – UFC (2015).....	39
Figura 13- Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I- Jogo da memória.....	41
Figura 14- Ambiente preparado para o “Círculo da Paz”.....	47
Figura 15- Pró-técnico- Jardim Guanabara.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O INÍCIO DO PERCURSO: CONHECENDO AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS	13
2.1	NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NO BRASIL	13
2.2	NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E A SUBJETIVIDADE	14
2.3	NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO CAMINHO METODOLÓGICO	15
3	NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA FUTURA PROFESSORA DE BIOLOGIA	17
3.1	Ensino médio e a escolha da profissão	17
3.2	Entro na Universidade: vivências no Curso de Economia Doméstica	21
3.3	Mais um passo: o curso de Ciências Biológicas	26
3.3.1	Experiências em laboratório	27
3.3.2	Experiências na educação e a decisão diária em seguir na licenciatura	28
3.3.2.1	PID (Programa de Iniciação Docência)	28
3.3.2.2	PIBID e a interdisciplinaridade	29
3.3.2.3	BIOEDUC	36
3.3.2.4	PIBIC e a Arte	37
3.3.2.5	Experiências de estágios supervisionados: a caminhada continua	39
3.3.2.6	Produções na área da Educação durante o percurso no curso de Ciências Biológicas	50
4	É O BASTANTE?	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS, PARA ESTE PONTO DE CHEGADA	52
	REFERÊNCIAS	53
	ANEXO A- COMPROVANTE DE ENTRADA NO CURSO DE ECONOMIA DOMÉSTICA	57
	ANEXO B- CURSOS DE RECÉM-INGRESSO 2009	58
	ANEXO C- RESULTADO DA SELEÇÃO PARA MUDANÇA DE CURSO 2013.1- CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	59
	ANEXO D- MÚSICA- CIRANDA DA BAILARINA	60
	ANEXO E- PUBLICAÇÃO DE UM ARTIGO EM UM LIVRO PIBIC	61
	ANEXO F- TRABALHOS APRESENTADOS NOS ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS	

**E NOS ENCONTROS DE PRÁTICAS DOCENTES- UFC- CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS.....**

1 INTRODUÇÃO

O porque olhar de novo para minha história? Você perceberá no decorrer deste trabalho de conclusão de curso esta necessidade e quem sabe você se deparará com os questionamentos iniciais que tive ao decidir trabalhar com narrativas autobiográficas sendo eu o objeto a ser investigado. Olhar é muito mais do que somente ver o óbvio, mas olhar é perceber detalhes antes não percebidos em nossas experiências de vida. O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na idéia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisamos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos percebido (FREITAS; GALVÃO, 2007, p. 2).

Trabalhar com narrativas autobiográficas temos a possibilidade de rever nossas ações, de olhar novamente e ressignificar, criar novas possibilidades a partir dos pontos que não foram percebidos, de nos perguntamos se ainda estamos da mesma forma ou será que algo mudou no decorrer dos anos. Muitas pesquisas deixam de lado estes aspectos mais subjetivos, especialmente no âmbito educacional, sendo que estas vivências iniciais em sala através dos estágios ou bolsas, incluindo nestas experiências os medos, anseios, lutas, conquistas, desafios, estes aspectos são essenciais para aqueles que irão iniciar seu caminho na decisão pela licenciatura. Essas palavras se confirmam quando Lima; Geraldi e Geraldi (2015) salientam que é:

Fundamental que os saberes da experiência sejam resgatados e postos em diálogos com o conhecimento científico, já que neste está baseado o modelo de educação existente que resulta da crença de que para a participação democrática é necessário que os sujeitos tenham acesso aos conhecimentos científicos, únicos que têm tido espaço no modelo atual de ensino, o qual é preciso ultrapassar.

Assim, digo novamente que olhar para minha história significa perceber que cada caminho percorrido dá sentido a minha escolha de ser professora, mas será que isso é o bastante? Hoje já revejo e percebo a importância de não parar nisto, mas seguir na busca do ser educadora. Quero dizer-lhes que o objetivo deste trabalho de conclusão de curso será analisar minhas vivências do período escolar e universitário por meio das narrativas autobiográficas, iniciando do Ensino médio com a escolha da minha primeira profissão em Economia Doméstica, a mudança para o curso de Ciências Biológicas e identificar significados da experiência vivida para a decisão diária que tenho em lecionar. Paulo Freire reflete sobre estas questões ao dizer que:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativos, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 2014, p. 19).

Espero que este momento que teremos de mergulhar na minha história seja significativo também para você assim como foi para mim e quem sabe minha história se cruzará com a sua e juntos possamos dar novos significados e percebermos o que queremos alcançar na escolha diária pela educação.

2 O INÍCIO DO PERCURSO: CONHECENDO AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

2.1 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NO BRASIL

Conforme Souza, Sousa e Catani (2007), o movimento biográfico no Brasil tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da Didática e Formação de Professores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação.

As histórias de vida e os estudos autobiográficos como metodologias de investigação científica na área de Educação ganharam visível impulso no Brasil nos últimos quinze anos. Em comparação com o período anterior, a década de 1990 traz grandes mudanças, apresentando um crescimento vertiginoso dos estudos que fazem uso dessas metodologias, genericamente denominadas de autobiográficas. (BUENO et al., 2003, p. 385).

Como dito anteriormente, no campo da educação, diversos movimentos vêm-se constituindo, desde o início dos anos de 1990, com a utilização do método autobiográfico e com as narrativas de formação. Cabe destacar o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudo sobre Docência, Memória e Gênero – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GEDOMGE/FEUSP), sob a coordenação de Catani, Souza, Bueno e Sousa, bem como as investigações realizadas durante o biênio 1997/99 através do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Imaginário Social – Universidade Federal de Santa Maria (GEPIS/UFSM), com pesquisas em rede que inter cruzam as temáticas sobre história de vida, docência, gênero, subjetividade e imaginário na perspectiva de contribuir com a formação de professores. Por isso, cada vez mais, ganham corpo e expressão estudos sobre formação de professores que tematizam os percursos de formação com enfoque na história de vida, nas autobiografias e nas narrativas de formação. (SOUZA, 2006, p. 31).

As duas primeiras edições do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica, em Porto Alegre (I CIPA, 2004) e em Salvador (II CIPA, 2006), configuram-se como momentos significativos para o campo dos estudos biográficos no Brasil, tendo em vista a sistematização das peculiaridades das produções, modalidades de trabalho, configuração dos espaços acadêmicos de onde emergem e se consolidam tais estudos, diversidade de pesquisas que se apropriam das autobiografias como prática de formação no território da formação continuada de professores, estudos no âmbito da história

da educação e das práticas de formação e, por fim, a reinvenção de modos de trabalho ancorados em uma base teórica, cujos autores apresentam diferentes práticas de pesquisa com histórias de vida. (SOUZA, 2007, p. 60-61)

Como sabemos há mais de duas décadas o recurso das narrativas vem sendo usado na formação docente e na pesquisa. Não podemos deixar de lado os autores que trouxeram essa temática ao Brasil, iniciando a partir de Nóvoa (1991, 1992; apud LIMA; GERALDI e GERALDI, 2015) com as histórias de vida de professores, seguido por Connelly e Clandinin (1995; apud LIMA; GERALDI e GERALDI, 2015) entre outros.

2.2 NARRATIVAS AUTOBIOGRAFICAS E A SUBJETIVIDADE

É fato notório na história das ciências humanas a influência exercida pelos métodos experimentais desenvolvidos no âmbito das ciências físicas e biológicas, sobre as formas com que cada uma se conduziu para investigar os fenômenos sociais que lhes dizem respeito. Mas a objetividade científica e os métodos para produzi-la foram postos em causa, abrindo flanco para que a subjetividade passasse a se constituir também em objeto de investigação. Dizemos também por que é importante ter claro que as mudanças que ocorrem e o desenvolvimento das chamadas abordagens qualitativas de pesquisa não fazem desaparecer de cena os métodos quantitativos e nem a preocupação de se construir, no âmbito das ciências humanas, teorias que possam dar conta da explicação de fenômenos mais gerais. (BUENO, 2002, p.389).

A subjetividade é ao mesmo tempo constituída e constituinte, uma síntese enfim que seja centrada na teoria da práxis enriquecida pelas novas experiências e que leve a uma nova historiografia e uma nova estratégia (que permita coordenar os vários movimentos sociais sem retirar-lhes a autonomia), e que a partir de uma reflexão sobre o passado e o presente prepare os caminhos do futuro. (COSTA, 1994, p.19)

Para Bruner (1998) a narrativa é um modo de pensamento que se apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas que com ele mantêm os sujeitos. O modo narrativo organiza-se a partir da experiência particular dos sujeitos, no que é contextual e singular.

A experiência lida com as idiossincrasias do mundo e vale-se para isso, da força da tradição, não sendo passível de ser “comprovada cientificamente” pela sua própria natureza. Uma história contada, ao ser extraída pelo ouvinte do contexto narrado, pode ser recontextualizada em outras situações ou experiências, produzindo novas compreensões entre os contadores e os ouvintes. É isso que confere à narrativa um caráter quase universal (BRUNER, 1998, p. 35). Ainda que o conhecimento narrativo venha a ser utilizado por outros sujeitos, ele não deixa de ser “uma experiência situada, idiossincrática, localizada, que participa da natureza dialógica dos indivíduos” (FERREIRA-ALVES; GONÇALVES, 2001, p.5).

O pensamento paradigmático e o narrativo são duas formas de construção da realidade que correspondem a modos distintos de funcionamento cognitivo e de ordenamento da experiência. Têm distintos entre si os princípios operativos mobilizados e os critérios de verificação e validação dos produtos gerados. Enquanto o pensamento paradigmático se orienta pela argumentação, o narrativo se sustenta com base em uma boa história, sua verdade ou sua verossimilhança. Ao contrário de uma construção argumentativa baseada em princípios gerais,

abstratos e logicamente estruturados, a narrativa destaca-se por explicitar subjetividades em jogo, pela construção polifônica dos personagens, por um bom enredo e um desfecho moral. (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p.23).

É um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo [...] E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero etc. A subjetividade e a reflexividade crítica relacionam-se, também, ao segundo pressuposto – o ato de contar para outro proporciona a reconstrução da experiência formativa do sujeito e contribui para sua autocompreensão (LARROSA, 2011, p. 6-7).

2.3 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO CAMINHO METODOLÓGICO

O uso das narrativas como método de *investigação* ou de *pesquisa* decorre, em parte, da insatisfação com as produções no campo da educação que se caracterizaram por falar *sobre* a escola em vez de falar *com* ela e *a partir* dela com narrativa de experiência do vivido (LIMA et al, 2015, p.18).

Ainda segundo Lima (2015) há quatro tipos de narrativas cada uma com especificidade em seu emprego: 1) a narrativa como construção de sentidos para um evento; 2) a narrativa (auto)biográfica; 3) a narrativa de experiências planejadas para serem pesquisas; 4) a narrativa de experiências do vivido, isto é, narrativas de experiências educativas.

Sendo que este trabalho se insere no segundo grupo, as narrativas biográficas ou autobiográficas que visam à reconstituição da história de uma pessoa (ou de si próprio no caso das autobiografias) e que possibilitam o encontro do narrador com o(s) seu(s) eu(s) ou do biógrafo/narrador com os vários “eus” de sua personagem. Na autobiografia, os dados empíricos são coletados por pesquisadores que se tornam os próprios objetos do estudo e fazem uma escrita de si e sobre si no processo de formação. Essas pesquisas permitem produzir uma compreensão do sujeito e de sua formação por meio das narrativas de vida. Apresentam semelhanças com os depoimentos da história oral, mas em vez de fatos ou eventos, fazem emergir os sujeitos. (LIMA, 2015, p.25)

Antes da decisão de trabalhar com narrativas autobiográficas, percorri, juntamente com meu orientador, um percurso de percepção do que realmente queria escrever, após infinitas ideias, percebi que na verdade queria contar minhas experiências vividas e como estas influenciaram na decisão por lecionar. Olhar para o passado pode nos ajudar a encontrar explicação para significados nas ações que temos hoje como pessoas que foram construindo um percurso pessoal e profissional rico de cruzamentos com os outros e a dar sentido ao nosso posicionamento como professores e formadores de professores. (FREITAS; GALVÃO, 2017, p. 2)

Porque pegar somente um *pequeno pedaço*, se poderia olhar novamente para minha história e dar novos significados? Escrever sobre minha história de vida voltei a tempos remotos, percebendo que cada etapa vivida influenciou na escolha da minha profissão, surgindo mais um questionamento: A partir de que época devo iniciar minhas reflexões? Que partes são essenciais para trazer para meu trabalho de conclusão de curso? Escolhi iniciar minha narrativa a partir do ensino médio, por ser um período de decisão da profissão, a escolha da primeira profissão em Economia Doméstica, a mudança de curso para Ciências

Biológicas até o presente momento como futura professora de Biologia.

O recurso da narrativa autobiográfica inscreve-se na idéia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, evidenciando emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido. (FREITAS; GALVÃO, 2017, p. 2)

Podemos perceber após a leitura acima que trabalhar com narrativas autobiográficas não é fácil, chegando um momento em que pensamos não estarmos chegando a nenhum lugar, por conta da dificuldade em afunilar o que queremos realmente abordar, pois o todo parece essencial. A pesquisa da experiência vivida remete às dimensões singulares da vida e da escola, não existem receitas nem fórmulas seguras para se prosseguir nela. "Cada pesquisa constrói sua 'ciência' e gera sua própria estratégia metodológica, seu processo experimental". Ferrapa (1999), salienta que isso não significa sermos incapazes de desenhar mapas ou de reportar caminhos trilhados. A inexistência de um conjunto de passos previamente estabelecido leva a uma falsa suposição de que não existe uma metodologia na investigação. A dificuldade de enfrentar o desafio não justifica o abandono da própria experiência como forma de produzir conhecimentos.

Desta forma a própria construção da metodologia de investigação se constitui em uma narrativa, na medida em que não se pode dissociar a fase de recolha de dados dos percursos singulares que foram sendo construídos por nós, investigadoras, no entrecruzamento de nossas histórias de professores e formadores de professores e pesquisadores. Ou seja, são duas histórias com começo, meio e fim, que dialogaram para a sua construção. (FREITAS; GALVÃO, 2007, p. 3).

3 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA FUTURA PROFESSORA DE BIOLOGIA

3.1 Ensino médio e a escolha da profissão

Começo o relato a partir do momento em que saio de uma escola pública e inicio os anos de ensino médio em uma escola particular, levando com isto as dificuldades nas disciplinas, já que na escola passada havia um déficit em relação aos conteúdos. Nesta nova escola conheci duas amigas gêmeas iniciando assim uma amizade e, por conta dessas dificuldades, elas se propuseram a ministrar aulas em sua própria casa para que eu entrasse no ritmo da classe, emprestando cadernos e livros para meu estudo. Ressignificando esta lembrança mesmo não pensando naquela época em ser professora, encontrava nestas duas amigas, deste aquele ano, a decisão de serem professoras de português, decisão que dura até hoje sendo as duas formadas em Letras-Português. Percebo nelas que não esperaram entrar na universidade para exercitar o ato de ensinar, mas a partir da minha dificuldade se colocaram ao que já haviam se decidido. Exponho que nas experiências em que tive em sala de aula posteriormente, nos planejamentos das aulas de estágio, sempre me remeto a esta lembrança, tendo a preocupação em buscar estratégias de ensino para abranger tantos alunos com particularidades de aprendizado.

O nosso estar no mundo é repleto de ações que nos levam a aprender. A aprendizagem, por sua vez, acontece num entrelaçamento entre informação, conhecimento e saber. As informações que recebemos presentes no outro, nos espaços externos, acionam nossas estruturas mentais movimentando nosso organismo, corpo, esferas dramáticas e cognitivas, transformando-se em conhecimento que se incorpora em nossos saberes. Dessa maneira, o saber se constitui a partir das experiências e vivências do nosso cotidiano. (CERQUEIRA, 2006, p. 29-30)

O colégio na minha percepção tinham bons profissionais, não havendo distanciamento entre os professores e alunos, o que facilitava o diálogo em sala de aula. Os professores conheciam os alunos em suas particularidades, o que ajudava quando íamos questionar alguma questão ou saber da nossa situação em alguma disciplina específica. Mas ainda era voltada para a transmissão de conteúdos, com a preocupação em terminar a apostila e as resoluções das questões, isto para um bom resultado ao fazermos a prova para entrar em uma faculdade pública. Esta memória remete uma característica que tive ao estar em contato diário com os alunos, quando estagiava no Programa Pró- Técnico da Secretaria Municipal da Educação (SME), esta preocupação em anotar as dúvidas e conhecer as dificuldades dos alunos.

Uma das tarefas da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. Ele revela ainda que o educando deve assumir seu papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor. É nesse sentido que a escuta sensível do professor é essencial para que o mesmo possa ajudar o aluno a reconhecer-se como construtor de seu conhecimento, acreditamos que é a partir desse (re)-conhecimento que aprendente e ensinante podem se conectar para um estabelecimento de relações que venham contribuir para um avanço no processo de desenvolvimento para a aprendizagem. (FREIRE, 2014, p.46)

Ao identificar nas palavras de Paulo Freire a interpretação sobre o que vivenciei na escola de ensino médio, penso em como podemos nos aproximar dos alunos no dia a dia, de que maneira a simples transmissão de conteúdo, sem levar em consideração a inteligibilidade do aluno, pode ter reflexos em como poderemos reproduzir esse mesmo comportamento ao estarmos na condição de professor.

No ano de 2008, último ano do ensino médio, preparação para a prova da UFC. tinha me decidido pelo curso Gastronomia. Esta decisão vinha das minhas vivências em casa na cozinha e nos programas que sempre assistia que envolvia a arte da culinária. Mais uma vez o ser professora não era a minha opção, mas como não havia o curso de gastronomia na UFC fiquei sem opções e iniciei a procura de um outro curso. Lembro que na escola iniciaram palestras motivacionais para escolha da profissão. Uma dessas palestras foi de uma Economista Doméstica. Durante sua palestra, o curso me agradou, pois havia um pouco de cada aspecto que gostaria de trabalhar: o desenvolvimento humano (da criança ao idoso), o controle de qualidade no setor alimentício, a administração familiar, têxteis e vestuário, a política pública, a psicologia e o estudo da família. Nesta memória percebo este desejo de conhecer mais sobre ser humano, o nosso desenvolvimento, entender mais sobre a psicologia para compreender-me melhor e ao outro. Após a palestra pesquisei mais sobre o curso e decidi por tentar a vaga para Economia Doméstica.

Iniciaram as aulas específicas para a 2ª fase da UFC. Os meus conteúdos eram história e biologia para a prova específica da segunda fase. Neste etapa não posso deixar de citar minha professora de Biologia (Figura 1), uma mulher que nos seus atos diários transbordava a alegria em ser professora, mesmo não deixando de falar das dificuldades que passava por conta da profissão. Acreditando que eu poderia mais, decidiu continuar me dando aulas extras para a segunda fase, sem nenhum ganho adicional. Seu amor a biologia encantava a todos em especial a mim. Não esqueço de suas brincadeiras com os nomes científicos das plantas, sua grande paixão, umas de suas brincadeiras era quando anotava algum nome científico estranho

para nós de alguma planta, logo dizia que seria o nome dos seus filhos ou esposo.

Outra brincadeira que me veio a memória foi usar estes nomes como trava-língua, toda sala ria, conseguindo trazer ainda o assunto de forma menos complicado, em especial assuntos relacionados a doenças sexualmente transmissíveis, conduzia a aula com casos variados em que os jovens poderiam vivenciar, tornando a aula participativa e aberta a perguntas.

A professora que fala *ao e com* o educando ouve o educando, não importa a idade dele e, assim, é ouvida por ele. É ouvindo o educando, tarefa inaceitável pela educadora autoritária, que a professora democrática se prepara cada vez mais para ser ouvida pelo educando. Mas, ao aprender com o educando a falar com ele porque o ouviu, ensina o educando a ouvi-la também (FREIRE, 1997, p. 59).

Tenho um grande carinho e respeito por esta profissional. Esta professora nos seus atos diários e respeito a profissão despertou em seus alunos um carinho pelo curso de Biologia, o qual, hoje, estou concluindo. É oportuno dizer que outro aluno escolheu terminar o curso de Ciências Biológicas pelas vivências em sala com esta professora.

Figura 1- Foto de despedida do terceiro ano lado da minha Professora de Biologia



Foto: Arquivo pessoal

Refletindo estas memórias que escolhi do Ensino médio (Figura 2) percebendo que cada vivência foi significativa para minhas escolhas, estas vivências em sala como aluna e no contato diário com tantos profissionais da educação, registraram marcas que se tornaram importantes na decisão que hoje tenho em lecionar. Finalizo esta parte com um trecho do Paulo

Freire em homenagem aos profissionais da época de Ensino médio que mesmo diante das dificuldades da profissão diziam um sim diário ao ato de ensinar.

É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais. (FREIRE, 1997, p.10)

Figura 2- Turma do terceiro ano do Ensino Médio



Foto – Arquivo pessoal

3.2- Entro na Universidade: vivências no Curso de Economia Doméstica

Recebo a notícia da aprovação para entrar na universidade no início de 2009 (Figura 3) durante a aula do curso de inglês juntamente com minhas amigas citadas neste trabalho, a qual uma delas também recebia a notícia da aprovação no curso de Letras-português, enquanto a outra haveria de esperar mais um semestre para tentar novamente. Isso causou um misto de alegria e tristeza por somente uma das gêmeas ser aprovada. Mesmo assim toda sala nos felicitou e logo liguei para minha professora de biologia e choramos juntas ao telefone, um trabalho conjunto entre aluna e professora. Ao fazer a matrícula para confirmar minha entrada na universidade, no semestre de 2009. 2 (Anexo A), meu sentimento naquele momento era viver a universidade, decidindo passar esses meses de espera para o meu semestre fazendo os cursos de recém-ingresso ofertados pela UFC, sendo eles: “Importância dos frutos tropicais na proteção da saúde” e “Bioquímica na cozinha: uma gostosa mistura de biomoléculas” (Anexo B). Sendo possível criar laços com aqueles que seriam meus companheiros de turma, conhecer alunos de outros cursos e conhecer o campus o qual passaria os quatro anos.

Figura 3- Trote do Curso de Economia Doméstica- 2009.2



Foto: Arquivo pessoal

No ano de 2011.1, ao iniciar uma monitoria voluntária no estágio supervisionado do Curso de Economia Doméstica, tive a oportunidade em ter acesso as monografias dos alunos, sendo de grande valia, pois percebia a cada leitura qual área mais me atraía. Nas leituras sobre

o desenvolvimento da criança, iniciou-se meu interesse pela ludicidade, levando por vezes para casa algumas destas monografias, logo iniciando uma leitura mais aprofundada da autora Kishimoto, referência sobre este tema. Ela comenta:

O uso do brinquedo/ jogo educativo com fins pedagógicos remete para a relevância desse instrumento para situações de ensino aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança aprende de modo intuitivo adquire noções espontâneas, em processos interativos envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la (KISHIMOTO, 2003)

Nesta memória percebo que iniciava em mim uma vontade de trabalhar na área pedagógica, pelas leituras realizadas, como citado acima, eram de um fascínio em especial na ludicidade no ensino, mais atrativa, utilizando-se das brincadeiras, artes, brinquedos para propiciar este ensino, especificamente com as crianças. Com isto, avanço no tempo e reflito sobre as experiências que tive nos estágios na Biologia, que utilizei diversas vezes a ludicidade, assim como o uso dos modelos didáticos na prática em sala de aula, acreditando que se é possível ensinar utilizando-se de diversas estratégias pedagógicas

O lúdico tem sua origem na palavra latina “ludus” que quer dizer jogo. Se achasse confinado à sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial da psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo.

A brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, aprende-se a brincar desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura. Os processos de desenvolvimento e de aprendizagem envolvidos no brincar são também constitutivos do processo de apropriação de conhecimentos. (TRISTÃO, 2010, p.11).

Nas salas de aulas do curso de Economia Doméstica, as cadeiras eram dispostas em círculo, em que a maioria das professoras nos desafiavam nas discussões dos textos, sendo uma aula dialógica. Hoje percebo o quando essas professoras me inspiraram, quando entro em sala, minhas expectativa é a realização de aulas dialógicas, trazendo o cotidiano do aluno para o conteúdo que será exposto, nem sempre alcançava o objetivo, mas o que vale é fazer com que estes alunos não sejam meros expectadores, mas sejam participantes ativos na sala de aula.

As rodas de conversa, chamadas por Paulo Freire de “Círculos de Cultura”, propiciando momentos de fala e de escuta. Para Freire (1983) os Círculos de Cultura são o

diálogo, é a pronúncia do mundo, ou seja, é o processo de ler o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo. É um diálogo, em que o pensar do educador somente ganha autenticidade, na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação (FREIRE, 1983, p. 60).

Em uma das disciplinas denominada Extensão Urbana realizamos um projeto chamado “Aproveitamento integral de alimentos: inclusão de novos hábitos alimentares aos jovens da comunidade Rodolfo Teófilo”, este projeto proporcionou novas alternativas nos hábitos alimentares dos jovens, em especial, proporcionando momentos de conscientização ambiental e da importância da utilização dos alimentos *in natura* de forma integral. Nesta época estava envolvida na questão ambiental, pois este projeto não visava somente a saúde dos jovens, mas seus hábitos alimentares relacionados à saúde do planeta, visto que a reeducação alimentar reflete diretamente nas condições de vida da terra, avaliamos também seus hábitos alimentares relacionando-os aos impactos do excesso de lixo provocado pelo uso indiscriminado de industrializados. Esta vivência veio a tona quando tive a oportunidade de trabalhar em outro momento, novamente com a questão alimentar em um projeto quando fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID. O projeto era intitulado “Guia Gastronômico do Bairro de Messejana”, tendo como objetivo informar os alunos do primeiro ano da escola Liceu de Messejana de Fortaleza sobre os diferentes temas relacionados à gastronomia em especial que se encontra ao redor da escola. A Biologia entrou com a função de trazer a reflexão sobre os hábitos alimentares e os efeitos de uma má alimentação.

Ainda no curso de Economia Doméstica tive a oportunidade de ser monitora da disciplina Planejamento do Espaço Familiar. Ministrei juntamente com uma amiga uma oficina intitulada: “Oficina de Ergonomia: Introdução dos Conceitos e de sua Interdisciplinaridade aos Estudantes de Graduação em Economia Doméstica”, tendo como proposta apresentar os Conceitos de Ergonomia, relacionando Antropometria, Ergonomia e Corporalidade de maneira dinâmica, discursiva e prática para os alunos. Nesta memória tive um contato em sala com os alunos, claro que não como professora, mas esta experiência de trabalhar com o corpo, mais uma vez já remete a biologia, no caso especificamente a fisiologia humana, em que a oficina realizada trazia minhas vivências diárias com o cuidado com o corpo. Esta memória trago hoje nas experiências em sala de aula no estágio de biologia no Programa Pró-técnico. Trabalhei diversas vezes os sentidos com os alunos na sala de aula por meio das artes. Nesta experiência remeto em especial a utilização da música como momento de propiciar um relaxamento antes de dar início a aula. Rios e Moreira (2015) salientam que falar do corpo na Educação não é algo simples, justamente por ser um assunto pouco discutido e difundido nos ambientes escolares e

em nossa formação acadêmica. Percebemos claramente uma educação na qual há uma visão de corpo disciplinado, em que as práticas se limitam ao movimento em busca de uma repetição, muitas vezes reflexo de uma necessidade de disciplinar o corpo. Esquecemos de que o ambiente escolar deve proporcionar liberdade de movimentos e incentivar a expressividade do corpo, uma vez que o aluno, ao se expressar, consegue expor melhor seus sentimentos, suas emoções e conseqüentemente, se tornar mais crítico e atuante.

Não é justo que, em nome da educação, crianças e adolescentes sejam confinados em cubículos de meio metro quadrado(o espaço de movimentação possível de quem senta nas carteiras escolares), quatro horas por dia, cinco dias por semana, duzentos por ano, onze anos, num total de 8.800 horas de confinamento. É chocante, absurda, escandalosa essa educação sem corpo, essa deformação humana. (FREIRE, 1989, p.157)

A professora da disciplina, na qual eu era monitora também, era coordenadora do Laboratório de Estudos de Políticas Públicas- LEPP. Neste laboratório participei do projeto: “Megaeventos Esportivos: Conflitos Urbanos direitos humanos e cidade de exceção” tendo como objetivo a consolidação de metodologia de pesquisa e análise de ações decorrentes dos megaeventos esportivos nas cidades que impliquem em conflitos urbanos, violações de direitos humanos e atos de exceção. Neste último participei ativamente com a população que perdia suas casas por preços baixíssimos, deixavam sua história sem o direito de escolher, muitos idosos morreram por perder suas casas que já habitavam há mais de 60 anos. Sem ninguém perceber enquanto muitos torciam pela Copa do Mundo, estavam maravilhados com as novas construções, ao mesmo tempo estava acontecendo uma higienização social. Aqui trago a visão de adentrar na história de não permanecer no artificial, percebo que a escolha de trabalhar com as narrativas autobiográficas, aceitar um trabalho com memórias, vem deste essa época.

Olhar para o passado pode ajudar-nos a encontrar explicação para significados nas ações que temos hoje como pessoas que foram construindo um percurso pessoal e profissional rico de cruzamentos com os outros e a dar sentido ao nosso posicionamento como professoras e formadoras de professores. (MOITA, 1995).
O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na idéia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido. (FREITAS; GALVÃO, 2007, p. 3)

No ano de 2012, realizando cursos de aperfeiçoamento na área que havia escolhido para atuar como Economista Doméstica, percebia a cada aula que não era a profissão que desejava seguir, assim com as experiências que já havia acumulado neste três anos e meio não

traziam a certeza desta profissão.

Nas vivências com uma amiga do curso de Ciências Biológicas e as que estava fazendo por fora com cursos relacionados a questão ambiental, as leituras sobre a Biologia Marinha, conversas com outra amiga do curso de Economia Doméstica que já havia se decidido pela mudança de curso para Ciências Biológicas e com os conhecimentos que tive em relação a este curso, decidi mudar. A mudança foi para a modalidade licenciatura, pois era a que disponibilizava vagas na época. Lembro que minha intenção não era ser professora, na verdade iniciava uma vontade em trabalhar com Biologia Marinha, mesmo diante as vivências que estava tendo com a questão ambiente, isto porque ao procurar mais sobre o curso de Ciências Biológicas esta área também me interessou. No semestre de 2012.2 recebo a notícia da mudança de curso para Ciências Biológicas, com isso, a alegria da nova etapa que se iniciava, mas também o receio de iniciar em um novo curso depois de anos estando em outro (ANEXO C). De 2009. 2 a 2012.2 cursei uma diversidade de disciplinas no curso de Economia Doméstica, sendo a maioria hoje significativas no caminho que decidi seguir- a EDUCAÇÃO, como por exemplo: sociologia, psicologia, sociologia rural e urbana, história da arte I, estudo da família, extensão urbana, antropologia cultural, estudos especiais – relações de gênero.

3.3 Mais um passo: o curso de Ciências Biológicas

Figura 4- Turma de Ciências Biológicas – 2013.1



Foto: Griffoto

Começo em 2013.1 o curso de Ciências Biológicas licenciatura (Figura 4). Como disse anteriormente não era minha opção ser professora, reflito e percebo que não era pelas histórias que ouvia sobre o ser professor, muitas destas desestimulando a seguir na profissão. Sempre tive respeito desde a época de escola, passando pelo curso de Economia Doméstica e em especial pelo fato de na minha família haver muitos destes profissionais. Ao mesmo tempo não abria mão da possibilidade de ser, mesmo ainda não conseguindo me ver no âmbito da sala de aula; isto porque ainda não percebia que era uma escolha a ser feita e a partir disso iniciar um processo de busca constante sobre esta profissão, em especial em se perguntar: Como será a professora Edianne?. Desta forma ao entrar no curso estava aberta para as vivências nas duas modalidades e foi o que busquei desde o início para saber em qual rumo seguir e a partir disto estar engajada no que me havia proposto a ser.

3.3.1 Experiências em laboratório

Ao entrar no curso tive o cuidado em conseguir uma bolsa mesmo se não fosse ligada a biologia, pois o dinheiro ajudava nas despesas da universidade. Tentando a bolsa de administração, pois ainda não havia saído editais para alguma bolsa referente a Biologia, consigo esta e fico na secretaria da Pós-graduação da Farmacologia. Na bolsa tive a oportunidade de conhecer a coordenadora da Pós-Graduação, bióloga. Com a convivência quase diária e as conversas que tínhamos fiquei interessada no laboratório que ela estava vinculada, o Laboratório de Oncologia Experimental (LOE). Fiquei durante as férias como voluntária e acompanhando um dos seus doutorandos em seu projeto de pesquisa, uma experiência rica em conhecimento sobre o câncer e em especial sobre uso das plantas e seus efeitos antitumorais. Mas naquele ambiente fechado, repetindo por diversas vezes os mesmos procedimentos, tive a certeza que não era o lugar que queria passar o resto da minha vida. Como era a primeira experiência ainda não tinha deixado de lado a opção de seguir em alguma área do Bacharelado.

Semestres a frente no ano de 2014.2 tive a oportunidade de realizar um estágio voluntário no Herbário Prisco Bezerra. Desenvolvi atividades de manutenção e triagem do acervo botânico, logo após ficando responsável juntamente com uma amiga por uma espécie botânica. Estava mais próxima do mundo das plantas, em especial por ter afinidade e creio que a professora que tive no ensino médio a qual citei neste trabalho, por seu conhecimento e amor pelas plantas influenciaram nesta vontade em conhecer mais a fundo este universo tão rico. Com esta experiência mais uma vez não conseguia me ver em um lugar fechado, sendo que poderíamos ter a experiência em campo, ao coletar os espécimes vegetais, mesmo assim não era o que queria seguir como profissão.

Neste mesmo período, quando estagiava no Herbário já estava engajada na educação tendo experiência em algumas bolsas a qual irei discorrer no próximo tópico. Aqui saliento que nestas experiências percebia qual profissão realmente queria seguir e esta era o ser professora. Então a licenciatura estava sendo fincada a cada dia no meu ser, decisão diária, assim era o momento de ter vivências diárias também. Ao longo do curso tive experiências em algumas bolsas relacionadas a educação e os estágios que me propuseram a colocar em prática o que aprendia na teoria. A cada experiência a percepção de como realmente queria atuar em sala, permaneço ainda neste constante buscar-se, refletindo e dando novos significados as experiências diárias.

3.3.2 Experiências na educação e a decisão diária em seguir na licenciatura

3.3.2.1 PID (Programa de Iniciação Docência)

Desejava conhecer mais sobre a educação, assim, no ano de 2014 ao lançar o edital para monitoria remunerada do PID, participo da seleção, conseguindo ser monitora e saindo da Bolsa de administração. Tendo a oportunidade de trabalhar no projeto de Prática de Ensino em Ciências Biológicas e Instrumentalização para o Ensino de Ciências: elo entre ensino, reflexão e pesquisa, nas disciplinas de Instrumentalização para o Ensino de Ciências I, II e IV. Vivências em sala de aula com os professores da academia, sabia que ainda não era a minha realidade, que sairia da academia para lecionar em escola do ensino básico. Mas nestas disciplinas por terem como objetivo o estudo da biologia como ciência a partir da análise dos métodos e instrumentos nas diversas áreas da pesquisa, poderia retirar de cada vivência como melhor atuar em sala de aula, como poderia levar o conteúdo de ciências e biologia com diversificadas alternativas metodológicas, mais atrativas. Esta era minha preocupação na época, não gostava do ensino tradicional, sabendo que esta não seria minha forma de conduzir uma aula.

O exercício da monitoria é uma oportunidade para o estudante desenvolver habilidades inerentes à docência, aprofundar conhecimentos na área específica e contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos monitorados. O aluno monitor experimenta, em seu trabalho docente, de forma amadora, os primeiros júbilos e contratempos da profissão de professor universitário. O fato de estar em contato direto com alunos, na condição também de acadêmico, propicia situações extraordinárias e únicas, que vão desde a alegria de contribuir, pedagogicamente, com o aprendizado de alguns, até a momentânea desilusão em situações em que a conduta de alguns alunos mostra-se inconveniente e desestimuladora. (MATOSO, 2014, p. 79)

Relato uma das experiências com a Instrumentalização para o Ensino de Ciências IV, quando a professora da disciplina de instrumentalização, conseguiu trazer o mundo microbiano para sala de aula por meio de diversificadas ferramentas lúdicas. Proporcionando aos alunos um olhar sobre a Microbiologia e sua relação com o cotidiano, auxiliando ainda os futuros professores com os diferentes conteúdos do mundo microbiano de maneira teórica e prática, apresentando práticas simples que poderiam ser executadas nas escolas, mesmo se estas tivessem poucas condições de infraestrutura. Percebo aqui, o quanto as leituras sobre a ludicidade no tempo da Economia Doméstica se entrelaçavam com as experiências que esta disciplina estava ofertando, iniciando um movimento de como atuaria quando entrasse em sala de aula, como abordar os conteúdos, como instigar a participação. Trago umas das práticas

realizada que chamou minha atenção, foi a utilização da música “Ciranda da bailarina” (Anexo D). A partir dela os alunos deveriam refazer a letra com assuntos cotidianos que abordasse a microbiologia e o conteúdo abordado nas aulas. Nunca havia passado pela minha cabeça naquela época que era possível utilizar uma música para inserir um conteúdo em sala de aula. Estas novidades me empolgavam para entrar em sala de aula. Com esta proposta de ensino de microbiologia gerou um trabalhos apresentados nos Encontros Universitários da UFC, com o título o “Instrumentalização para o ensino de microbiologia: simplificando o ensino de microbiologia na escola”.

KIMURA et al (2013) comentam sobre a importância de trazer a microbiologia para o cotidiano quando afirma que:

A falta de conexão entre a microbiologia e o cotidiano dificulta o aprendizado desse tema tão importante. Isto torna necessário o desenvolvimento de estratégias e tecnologias de ensino-aprendizagem que auxiliem o professor na tarefa de estimular os estudantes para o conhecimento dos microrganismos, bem como sua relação com a vida cotidiana que possibilita o despertar do aluno para a conscientização da aplicabilidade desta Ciência na vida das pessoas.

Aqui, a professora Edianne já estava colocando em prática suas reflexões sobre o ensino contextualizado, já na tentativa de fazer sentido para o aluno. “Ensinar é uma prática social, uma ação cultural, pois se concretiza na interação entre professores e alunos, refletindo a cultura e os contextos sociais a que pertence” (FREIRE, 1974, p. 54).

3.3.2.2 PIBID e a interdisciplinaridade

Após a monitoria, minha próxima experiência foi ingressando no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), um programa que concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Ensino Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola (CAPES, 2017). Agora eu estaria diretamente na escola, tendo contato com os alunos e os professores da escola básica, observaria a rotina da escola, a organização, desenvolveria projetos, e entraria em sala por conta dos projetos que iríamos desenvolver. Lembro que estava empolgada para iniciar, sair no âmbito da universidade e realmente estar na vivência escolar.

Figura 5: Projeto Iracema – Pibid Biologia



Foto: Alderi Filho

Na divisão dos alunos de Ciências Biológicas nos respectivos locais de atuação do PIBID Biologia, colocaram-me no Liceu de Messejana havendo neste mesmo espaço pibidianos de outros cursos como o da Física, História, Língua Portuguesa, dentre outros. Saliento que trabalhar no Liceu de Messejana foi gratificante, não esqueço a primeira vez que entrei nesta escola e conheci o diretor sem saber da sua função, um profissional tendo contato direto com

os alunos, os conhecendo pelo nome e sabendo de suas situações e vivências. Nosso supervisor, professor de biologia da escola, sempre muito aberto as ideias que tínhamos, assim como os outros professores que se juntavam quando havia alguma proposta interdisciplinar. Aqui estava começando a conhecer como era a vivência destes profissionais na escola, observava os relacionamentos, como organizavam os conteúdos, os diários de sala, as reuniões de cada área específica.

Figura 6 – Projeto Cosmos – Liceu de Messejana



Foto: Alderi Filho

Um dos objetivos do PIBID nesta escola era a realização de projetos interdisciplinares. Fortunato; Confortin; Silva (2013) diz que a:

Interdisciplinaridade é entendida como uma perspectiva de trabalho pedagógico que promove o diálogo de saberes, a conversa entre as diversas áreas do conhecimento e seus conteúdos, o entrelaçamento entre os diversos fios que tecem o currículo escolar, de modo a fortalecer, qualificar e contextualizar o processo de aprendizagem dos discentes em seus respectivos níveis de ensino.

Entrar em contato com esta nova abordagem foi um avanço na minha forma de ver o ensino, nas conversas com os outros pibidianos na tentativa de interligar todos os conteúdos em um tema específico, abria nossa mente para ir além do que somente repassar um conteúdo. Era possível “pegar” todas os conteúdos que estavam sendo ministrados na escola e

interligá-los. Não havia esquecido a ludicidade, os modelos didáticos, mas percebi que ensinar era muito mais do que isso, queria conhecer mais sobre educação, necessitava desse amadurecimento, já que havia decidido em lecionar.

Figura 7: Debate político no Liceu de Messejana- PIBID Biologia



Foto: Alderi Filho

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 1999). Para que ocorra a interdisciplinaridade não se trata de eliminar as disciplinas, trata-se de torná-las comunicativas entre si, concebê-las como processos históricos e culturais, e sim torná-las necessárias a atualização quando se refere às práticas do processo de ensino aprendizagem (BONATTO et al, 2012, p. 3).

Figura 8: Projeto “Guia Gastronômico”



Foto: Alderi Filho

Estive no PIBID durante um ano, tendo a oportunidade de participar de muitas atividades na escola, dos quais cito: projeto Iracema, projeto Cosmos, Debate político, Guia gastronômico, Aulão do Enem (Figuras 1-9). Cada qual trazendo percepções e propostas diversificadas. Utilizando-se de uma série como o “Cosmos” para ensino das moléculas, assim, para trabalhar esse tema foi confeccionado o seguinte material:

- Círculos de cartolina de cor verde, representando átomos de oxigênio
- Círculos de cartolina de cor amarela, representando átomos de hidrogênio
- Círculos de cartolina de cor azul, representando átomos de carbono

Com esse material dividimos a turma que compareceu a exibição do episódio e aplicação da atividade em cinco grupos, distribuindo igualmente as quantias de círculos. Cada grupo ficou responsável por montar uma molécula com os “átomos” que receberam: um grupo montou o Gás Oxigênio (O_2 – dois círculos verde); outro com o Gás Carbônico (CO_2 – um círculo azul e dois verdes); outro montou o Monóxido de Carbono (CO – um círculo azul e outro verde), outro o Gás Oxônio (O_3 – três círculos verde); e o último montou a molécula de água (H_2O – dois círculos de cor amarela e um verde).

Assim que cada grupo terminou de montar as moléculas, segundo seus conhecimentos, o PIBID Biologia corrigiu alguns e discutiu com a turma qual a importância de cada molécula. Exemplo: como o modo que o gás oxigênio e o gás carbônico estão relacionados

com a nossa respiração e como afetam em esportes, a forma que o monóxido de carbono pode causar asfixia, porque o gás oxônio é importante para manter a temperatura do planeta e como a água se relaciona com a vida, incluindo a humana.

Abordamos ainda nessa série, sobre o aquecimento global e o efeito estufa, usando como estratégia a dinâmica do repolho, com sete papéis contendo perguntas relacionadas ao tema. Cada folha foi enrolada, uma pós outra, de modo que todas ficassem envolvendo uma a outra, formando uma bola, assemelhando-se a um “repolho”, a discussão gerou temas do cotidiano, como o uso excessivo dos carros, o não uso de bicicletas, melhoramento das políticas públicas.

Em outro projeto, usamos um romance para o abordar conteúdos diversificados ao qual foi realizado no projeto Iracema. Nos do PIBID Biologia fizemos duas intervenções, sendo a primeira sobre os “Alimentos da cultura indígena na atualidade e suas propriedades nutricionais”, tendo como objetivo construir um conhecimento acerca das características da alimentação da cultura indígena. A segunda intervenção foi sobre os “Alucinógenos na obra Iracema”, onde o principal objetivo foi expor aos alunos os alucinógenos citados na obra e se na atualidade ainda se faz o uso de algum.

Outro projeto ao qual participei foi o “Debate Político”, em virtude das eleições para cargos majoritários na sociedade, que se aproximavam naquele ano, gerando questionamentos acerca do que acontecia na sociedade, como escolher seu partido político e o candidato. Utilizamos como metodologia, o teatro, como forma de propiciar o debate. Sendo cinco personagens, um personagem sendo o que conduziria o debate e quatro com cargo político com perfis diferentes: um defendendo a liberação da maconha e do aborto; outro na busca a reeleição; outro na preservação do meio ambiente e o outro que iria privatizar as estatais. O debate ocorreu com temas relacionados a saúde, meio ambiente, seca, educação, aborto, economia e corrupção. O vencedor foi o que defendia o meio ambiente, seguido pelo candidato das privatizações, pelo candidato a reeleição e por último a que legalizava o aborto, havendo dois votos em branco e um nulo.

Cada uma dessas experiências enriquecendo minha formação como futura professora. Perceber em especial que na sala de aula era possível trazer o que os alunos utilizam no dia a dia, muitas vezes como lazer, para um olhar crítico e fazendo com que os conteúdos não desaparecessem após saírem da escola, estes podendo ser levados para vida. Tinha certeza que estas vivências seriam importantes quando começasse a trabalhar como professora futuramente, realizando projetos com os outros professores da escola, tendo a percepção de que não seria fácil, mais possível.

Trago outro aspecto que o PIBID me trouxe que foi trabalhar com portfólios, umas das exigências da bolsa. A cada encerramento de semestre teríamos que entregar um, podendo ser de diversas formas, por meio de escritos, slides, fotos, desenhos, cada bolsista era livre para escolher a forma de trazer os ensinamentos durante aquele período na escola a qual atuávamos. Este aprendizado foi essencial para deixar registrados as memórias, reflexões, aspectos positivos e negativos, melhoras, ensinamentos, hoje em especial trabalho com diários.

O portfólios podem ser usados como alternativa para o professor avaliar os seus estudantes, bem como para conduzi-los a uma auto-reflexão e posterior auto-avaliação. O autor conceitua portfólio como uma amostra de exemplos, documentos, gravações ou produções que evidenciam habilidades, atitudes e/ou conhecimentos e aquisições obtidas pelo durante um espaço de tempo. (CROCKETT, 1998, p. 15)

Percebe-se que uma das maiores vantagens oferecidas pelo uso do portfólio, e sem a qual ele não faria sentido, é o desenvolvimento do pensamento reflexivo. O objetivo da educação é ensinar o aluno a pensar, o que implica conduzir um assunto além da mera aquisição, dando-lhe tratamento cuidadoso e consequente para o desenvolvimento de competências e habilidades adrede definidas. (ROSEN, 1998, p. 25)

Outro aspecto que trago foram os estudos sobre Paulo Freire que nosso coordenador realizou durante o semestre. Conhecia aquele como um dos principais autores da educação atual, mas era um conhecimento superficial; entretanto por meio de um documentário de sua vida e logo após a leitura e discussão do livro *Pedagogia da Autonomia*, o seguinte parágrafo me marcaria:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2014, p. 59).

O que mais me marcara era o adentrar na história, de sair do conteúdo e trazer a vida dos alunos, instigá-los a questionar, a dialogar, por meio de palavras geradoras iniciar o tema o qual queira ensinar. Ainda era nova esta proposta para mim, mas que foram guardadas e logo a frente seriam utilizadas. Era um processo, um descobrimento da forma que atuaria em sala.

Figura 9- Foto registrada logo após o Aulão do Enem



Foto: Wladia Nascimento

3.3.2.3 BIOEDUC

Percebia, no decorrer dos semestres e das experiências que havia tido nas duas bolsas, que ainda era necessário mais, era preciso conhecer a história da educação, as mudanças que já havia tido, estudar os autores que se dedicaram a educação, as diversas perspectivas, necessitava partilhar as vivências que já havia tido, tinha a necessidade de mais, uma curiosidade inquietante. Quando mais lia, sobre educação, mais percebia que este era o caminho que decidira a seguir. Então, no ano de 2014 e 2015 participei do BIOEDUC (Biologia & Educação: Grupo de Estudos de Tendências e Correntes Pedagógicas) um grupo de estudo com objetivo de discutir temas relacionados a Educação. Era um grupo livre para participação de qualquer interessado. Tinha dia e horário certo para o encontro, semanalmente.

Paulo Freire discorre sobre esta curiosidade que nos instiga a mais, uma curiosidade que nos impulsiona a não nos acomodar diante o que vivemos, curiosidade que nos faz perceber que podemos ir mais além do que está diante nossos olhos, ao dizer:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2014, p.13).

Havia estudantes de semestres diversificados (Figura 10) o que ajudava nesta troca de experiências, alguns já com experiências em sala de aula, cada um naquele espaço descobrindo sobre a educação e os desafios que teríamos, em especial como colocar em prática tudo aquilo que estávamos estudando na teoria. No decorrer desses semestres aprendemos e discutimos sobre: Vygotsky, Foucault, Rubem Alves, Ausbel, Luckesi, Skinner, Pavlov, Piaget, Paulo Freire, percebendo as mudanças que a educação sofria e diante de tantos olhares percebíamos que entrar em sala de aula era muito mais do que transmitir este conhecimento. Como Paulo Freire dizia, como não é fácil conseguir atingir tantos alunos com necessidades específicas. Estive nesse grupo com alunos da graduação, percebendo nossas dificuldades e, a partir disso, construindo algo juntos. Havia dias que os alunos levavam dinâmicas que poderiam ser utilizadas em sala para o conteúdo de biologia, havia apresentações de trabalhos de estudantes que já haviam finalizado o curso, uma troca constante de conhecimento. Participar deste grupo possibilitou conhecer a educação não isoladamente, somente por meus estudos, mas conheci a educação e refleti sobre ela com diversos olhares os quais se faziam presentes no

grupo, as leituras se tornavam vivas quando trazíamos nossas vivências gerando diversos significados e possibilidades.

Figura 10 – Alguns dos Integrantes do Bioeduc- 2014



Foto: Thaís Borges

3.3.2.4 PIBIC e a Arte

No ano de 2015.2 entro na Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) voltado para a área do Ensino, tendo como tema “Formação Profissional no Ceará: Um Estudo a partir da Visão de Omnilateralidade”, tendo como objetivo compreender como os profissionais advindos da academia (universidades) e que se desenvolveram também como artistas.

O que seria essa visão omnilateral? Marx diz que é, a formação do ser humano integral, do “homem total” (MARX, 2004). A omnilateralidade é uma proposição que trata da formação do homem em sua integralidade. A omnilateralidade não passa apenas pelo desenvolvimento multilateral das diversas capacidades de trabalho do homem, mas passa pelo desenvolvimento universal da mente e do corpo humanos, em todos os seus sentidos e capacidades. (MARX, 2004).

Você deve estar se perguntando o porque da escolha do PIBIC. Primeiro, queria ter a experiência de uma bolsa de iniciação científica mas não voltada para o bacharelado e sim para educação; segundo porque esta bolsa me proporcionaria estar ligada as artes e a educação. Aguardei este momento para explanar que sempre estive envolvida nas artes, tenho um caminho longo com a dança, em especial na dança de salão, fazendo um passeio pelo teatro, participando ainda do Coral Vozes da Saúde – UFC (Figura 11).

Figura 11 – Apresentação do Coral Vozes da Saúde (UFC)– Colégio Santa Cecília



Foto: Nikolas Macedo

Então, sabia que, ao entrar em sala, estas vivências também viriam a tona. As artes estavam na minha história, conseqüentemente, na Edianne que estava se formando para ser professora. Com a bolsa pude ir ao encontro desses professores artistas e entrevistá-los, escutando suas trajetórias e como estes aplicam em sala de aula suas vivências nas artes.

Assim saberia também como poderia levar as artes a que tanto vivo no meu dia a dia para dentro de sala e descobrir os talentos existentes nos alunos, e porque não se utilizar disso para ensinar? Para trazer reflexões que não seria usando somente as palavras mais outras formas de expressão? A práxis artística supõe uma capacidade superior de expressão e objetivação, é um tipo de experiência humana que concretiza em forma de artefatos as necessidades gerais de expressão da humanidade (FREITAS, 2014, p. 102). Em alguns momentos de estudos sobre a temática assistimos documentários onde a ciência era trazida por meios das artes, visitamos museus onde a ciência estava inserida de forma tão palpável e tão próxima de nós. Me aprofundi nas questões da teoria e da prática, essa práxis que não está separada mas unida, sendo essencial essa práxis ligada a reflexão, como comenta Saviani:

Quando tratamos da formação de professores a relação entre teoria e prática sempre se faz presente, ora com a primazia da prática, ora da teoria. No momento em que esse debate retorna ao universo das instituições de ensino, discutindo a epistemologia do professor reflexivo ou os conceitos da formação pela investigação, consideramos que o entendimento do conceito de práxis torna-se fundamental como norte para a organização das escolas e universidades (SAVIANI, 2005, p. 19)

Antes de finalizar esta etapa juntamente com o orientador do projeto e uma colega de bolsa tivemos um artigo publicado em um livro, no qual foi explanado sobre a temática “Interdisciplinaridade entre arte e ciências: percepções de estudantes em uma visita a um museu de arte”, tendo como objetivo analisar como estudantes de pós-graduação na área do ensino de ciências e matemática podem conduzir a aproximação entre arte e ciência (Anexo E), assim, como um trabalho apresentado nos Encontros Universitários da UFC, intitulado “A arte como articuladora da teoria e da prática de professores”, tendo como objetivo analisar a formação profissional de um grupo de educadores que atuam em instituições de ensino federal no estado do Ceará. Relacionando a teoria apreendida no âmbito da universidade pelo grupo e com suas práticas profissionais (Figura 12).

Figura 12- Foto nos Encontros Universitários – UFC (2015)



Foto: Arquivo pessoal

3.3.2.5 Experiências de estágios supervisionados: a caminhada continua

As experiências de estágio supervisionado em Ensino Fundamental e Ensino Médio, durante o curso foram engrandecedoras para minha formação. Cada escola me proporcionou um novo aprendizado, vivenciar a realidade na qual estaria em alguns anos, perceber também a escola, observar a gestão, o convívio dos professores, suas falas, algumas desanimadas pela profissão, outras, mesmo com o não reconhecimento, tentando melhorar a educação. Neste convívio, me perguntava se realmente esta era a profissão a qual escolheria. Não foram poucos os dias em que ao final de uma regência o desânimo chegasse, por muitas vezes propus atividades que não chegaram a serem realizadas da forma proposta, mas não desistia, refletia sobre minha prática e saía em busca de novas possibilidades. Sair do espaço acadêmico e ir viver esta práxis é outra realidade a qual é de suma importância para nós estudantes de licenciatura

A cada estágio é perceptível uma mudança na forma de atuação. Isso porque estava saindo de uma visão mais ingênua da educação, pelo percurso nas experiências como bolsista (já explanadas neste trabalho), começava um processo de formação como pessoa e futura professora. Então não era possível permanecer muitas vezes com as mesmas atitudes ou aplicações de estratégias pedagógicas em sala de aula. Como diz Freire: “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2014, p.14).

Assim antes de adentrar um pouco em cada experiência de estágio, volto ao o uso do port folio no PIBID. Foi algo que permaneceu útil, continuei a escrever reflexões e observações acerca dos estágios, e depois passo a utilizar os diários de sala pedidos pelo professor do estágio supervisionado possibilitando uma nova forma de anotação das minhas percepções, utilizo até hoje.

Segundo Scalabrin e Molinari, o Estágio Supervisionado é:

[...] indispensável na formação de docentes nos cursos de licenciatura é um processo de aprendizagem necessário a um profissional que deseja realmente estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira e deve acontecer durante todo o curso de formação acadêmica, no qual os estudantes são incentivados a conhecerem espaços educativos entrando em contato com a realidade sociocultural da população e da instituição. (SCALABRIN; MOLINARI, 2013, p. 8)

No Estágio Supervisionado no Fundamental I, nas turmas do sétimo ano, aconteceu

juntamente com uma colega de curso na escola pública a qual havia estudado parte do meu ensino fundamental. A escolha foi basicamente por este motivo: queria iniciar meu primeiro estágio no fundamental na escola na qual havia estudado, voltar a escola que vivi experiências como aluna e agora retornando como professora em formação. Trabalhamos com um projeto intitulado “Explorando os Invertebrados” com turmas de sétimo ano. Escolhemos usar diferentes modalidades didáticas (Dinâmica de apresentação e atividade baseada no método da aprendizagem cooperativa, *Game* dos invertebrados, Aula prática de invertebrados, Jogo da memória (Figura 13) e palavras cruzadas sobre o tema invertebrados).

Neste estágio percebia a nova realidade nas escolas públicas a qual já havia vivenciado, mais que não era da mesma forma. Os alunos tratavam os professores de forma tão desrespeitosa e grosseira, havia testemunho de um aluno com um histórico de agressividade, que havia mordido uma professora em sala. Um professor chegou a relatar que professores temporários, não aguentavam ficar na escola e pediam para sair. A cada dia saía perguntando se era o que queria vivenciar diariamente. Mas não conseguia olhar para os alunos e desistir, minha vontade era fazer com que eles percebessem que eles mesmos poderiam chegar aonde quisessem e conquistar seus objetivos. Percebo-me ainda com a vontade de levar os conteúdos de biologia de maneira mais lúdica e atrativa que instigasse uma participação em sala.

Figura 13- Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I- Jogo da memória



Foto: Bruno Leite

Segundo Krasilchik (2004) podemos classificar as modalidades didáticas de acordo com as atividades desenvolvidas tais como: falar – aulas expositivas, discussões, debates; fazer

- simulações, aulas práticas, jogos, projetos e mostrar - demonstrações, filmes etc. podemos classificar as modalidades didáticas com outros enfoques, como em objetivos de ensino ou ainda pelo tamanho de grupo de alunos, porém isto não altera sua variedade e ainda demonstra que nem uma é completa e que a modalidade deve ser escolhida pelo professor, sendo esta determinada pelo conteúdo a ser apreendido, pelo tempo e instrumentos disponíveis e também pela necessidade dos alunos a qual será ministrada a aula.

O segundo estágio no Ensino Fundamental realizamos em outra escola com turmas de oitavo ano, com a mesma colega de curso. Neste estágio estava familiarizada por já ter vivenciado o estágio anterior, sendo mais tranquila a forma de observar os professores, a escola e a gestão, em especial. Nesta escola havia uma diferença muito grande em relação a primeira. Os alunos eram calados e menos participativos. Nosso objetivo então era trazer estes alunos para uma maior participação em sala, levando os conteúdos por meio de diversificadas modalidades didáticas e conectar o conteúdo com a vida dos alunos. Decidimos, então, realizar um projeto com a temática “Explorando o sistema endócrino”. Nessa proposta de usar diferentes modalidades didáticas, utilizamos como metodologia: dinâmica de apresentação, tempestade de ideias, Jogo das plaquinhas, documentário, Jogo de perguntas e respostas para revisão do conteúdo. No primeiro dia buscamos ter o nosso primeiro contato com os alunos de uma maneira mais descontraída, para isso, aplicamos uma dinâmica com a turma. Essa atividade constituiu basicamente que eles se apresentassem e falassem sobre algo que gostavam e o colega do lado teria que repetir o que foi dito pelo anterior e assim sucessivamente. Com essa dinâmica pudemos conhecer mais nossos alunos e criar uma intimidade e abertura para as próximas regências.

Depois da dinâmica falamos sobre os nossos objetivos naquela sala, que assunto iríamos tratar, como e por quanto tempo. Começamos lançando perguntas para saber até que ponto os alunos conheciam sobre o sistema endócrino e começamos uma conversa sobre o conteúdo. No segundo dia de regência utilizamos o jogo das plaquinhas que se constituía basicamente de placas onde estavam escrito o nome de algumas glândulas e outras placas com a função da glândula. Cada aluno recebia sua glândula ou função e ia procurar a placa correspondente. Para não ficar um jogo muito disperso, íamos chamando cada aluno para procurar sua glândula ou função. Foi interessante notar a participação da turma nesse jogo. Quando o aluno que segurava a placa não conseguia encontrar seu par, os restos dos alunos ajudavam. Depois que os pares estavam corretamente juntos, explicávamos mais uma vez sobre a importância de cada glândula e respondíamos a perguntas feitas pelos alunos.

Depois aplicamos uma atividade, essa atividade eram narrativas de personagens

criados por nós que apresentavam sintomas de alguma disfunção de glândula, a partir disso os alunos teriam que investigar a situação e descobrir o que estava acontecendo com o personagem, os alunos poderiam escrever ou desenhar sua resposta. Muitos responderam corretamente e outros desenharam, o que foi interessante, pois depois os alunos vieram explicar o desenho, como no caso de um aluno que desenhou um menino dormindo e falou sobre os hormônios que influenciam no despertar e no adormecer. Algumas meninas estavam relutantes em participar, não queriam responder e nem desenhar, muitas utilizavam o celular e pedíamos várias vezes para que as mesmas o guardassem.

Já na terceira regência levamos os alunos para a biblioteca, para utilizarmos a televisão. Apresentamos um documentário. Durante a execução, iam surgindo dúvidas e comentários interessantes dos alunos, quando notávamos estes momentos parávamos o vídeo e debatíamos as dúvidas e comentários dos alunos. Muitas vezes apresentamos os slides da aula que já tínhamos dado para sanar a dúvida, achamos a aula bastante produtiva, pois nunca tínhamos visto os alunos perguntarem e participarem tanto.

No último dia de regência, aplicamos um jogo perguntas e respostas sobre o tema sistema endócrino, os alunos se dividiram em dois grupos e poderiam debater sobre a resposta os alunos mostraram-se interessados no jogo e ajudavam uns aos outros. No término de cada pergunta, os alunos levantavam as placas com o item correto. Depois de respondida a questão ainda fizemos uma breve revisão para melhor assimilação do conteúdo. No final ainda ficamos mais tempo porque notamos muita curiosidade sobre a nossas vidas de universitárias, abrimos o espaço para perguntas. Foi bastante rico e gratificante esse momento, pois nos deparamos com perguntas sobre o que era universidade pública, se a mesma era paga, o motivo pelo qual é importante fazer uma faculdade. Deparamo-nos com muitos alunos que gostavam da matéria e não sabiam com o que se trabalhava a biologia, além da profissão de professor. E no fim, ouvimos alguns dizendo que antes não pensavam em fazer um curso superior e agora achavam interessante, principalmente biologia.

No terceiro estágio, agora no Ensino Médio I, com as turmas de primeiro e segundo ano, decido por fazer sozinha, por causa da minha escolha em realizar esse estágio com alunos surdos. Tenho contato com a Libras – Língua Brasileira de Sinais há alguns anos. Quando pequena em uma parte do meu guarda roupa havia o alfabeto em libras, minha mãe colocara, penso que para aprender o alfabeto em português, sem ser basicamente pela Libras. Assim aprendia o alfabeto na língua portuguesa e tentava fazer o alfabeto em Libras, mesmo sem saber para que este servia. Depois de crescida procurei saber o que significava, instigando-me a um maior aprofundamento. Alguns anos depois tive uma experiência com a pastoral dos surdos em

um evento católico, iniciando logo após o curso de Libras, tendo contato com a língua e com os próprios surdos. Desta forma, pensei: porque não ter uma experiência de estágio? Decidi em realizar no Instituto Cearense de educação de Surdos- ICES. O ICES é a única Instituição Pública Estadual do Ceará destinado exclusivamente para a Educação dos Surdos, além de receber alunos, que além da surdez, têm outras comprometimentos. (SEDUC, 2017).

Minha decisão em não estagiar em uma escola inclusiva, era em ter um contato maior com a cultura surda, perceber suas interações e convivência diária, em especial no aspecto escolar.

Santana, Bergamo (2005), salientam que na área da surdez encontra-se geralmente o termo “cultura” como referência à língua (de sinais), às estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios que os surdos realizam para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a campainha que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta etc.

No ensino de surdos faz-se necessário que o professor se abra a novas percepções, pois os alunos surdos necessitam de recursos visuais para uma melhor compreensão nas aulas. Nas observações realizadas percebia falta de materiais lúdicos e visuais para uma aula que instigasse os alunos a uma maior participação. Outro desafio foi trazer o assunto de biologia para os alunos surdos, pois estes possuem uma língua própria, a LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais e muitos termos biológicos ainda não existirem nesta Língua. Além disso era a primeira vez em que estagiava em uma escola com alunos surdos. Entrar em sala, construir um conhecimento, saindo do português para alcançá-los em sua primeira língua, respeitar o tempo do intérprete de sinalização, perceber se os alunos estavam compreendendo, trazer o significado de uma palavra biológica associando a Libras, e muitos outros desafios os quais se somaram com o aprendizado acerca da cultura surda. Após este contato direto com eles, meu interesse pela educação inclusiva aumentou. Estar em um mesmo ambiente, surdos e ouvintes, muito mais do que um desejo é um direito dado a estes.

Em 2003, é implementado pelo MEC o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, com vistas a apoiar a transformação dos sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, promovendo um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, à oferta do atendimento educacional especializado e à garantia da acessibilidade. (BRASIL, 2017)

As aulas que ministrei tiveram como temas a relação entre os seres vivos e Origem da Vida no primeiro ano e o Ciclo de vida das plantas, Briófitas e as Angiospermas no segundo ano, utilizando-se de diversos recursos didáticos como: datashow, recursos visuais palpáveis,

imagens, jogo da velha da relação ecológica, quiz do reinos das plantas e quiz da origem da vida. Não queria somente a ludicidade e material didático. Queria instigar uma discussão sobre o assunto e escutá-los em sua língua. O assunto Origem da vida propiciou este momento, utilizei bastante de imagens no slide e de questionamentos sobre como a vida havia surgido, levando estes a se questionarem e a participarem ativamente da aula.

Com a utilização do “Quiz da Origem da vida”, dividi a sala em dois grupos, onde entreguei uma placa que havia em um dos lados a palavra “verdadeiro” e do outro a palavra “falso”. No quiz haviam perguntas sobre o tema abordado, eles deveriam entre si dizer se estava certo ou errado a pergunta, mas sempre explicando logo após o porquê da resposta, gerando entre eles um diálogo da probabilidade da resposta estar certa ou não.

Já a proposta do Jogo da velha da relação ecológica não era somente o jogo lúdico mais era perceber se durante minha aula, na qual muitas vezes o interprete teve que associar termo biológico em português a um código em Libras por não haver sinal específico, se eles realmente haviam aprendido sobre o tema, sabendo associar a palavra em português e não somente ao código feito pelo interprete, pois tínhamos a preocupação de sempre anotar a palavra em português no quadro.

No jogo, primeiramente, o grupo escolheu o quadrado no tabuleiro que continham uma pergunta, ao respondê-la corretamente, o símbolo escolhido seria colocado à frente da pergunta, se não soubessem ou respondessem errado, a carta deveria ser colocada novamente no tabuleiro voltada para baixo e o outro grupo continuava o jogo. Venceu o jogo o grupo que colocou três símbolos em sequência. O mais interessante nesse jogo foi a empolgação dos alunos, as cartas haviam imagens das relações ecológicas diferentes das dos slides e a relação estava escrita abaixo em português, tendo eles que responder se estava certo ou errado. Sendo possível perceber no jogo que eles conseguiram associar a imagem e a interação que estava escrita em português, sem precisar do código feito pelo intérprete. Percebi ainda que usando a imagem e a palavra em português eles conseguiram não só aprender sobre o tema, mas associar com o português, que é a grande dificuldade deles. No final do jogo só uma carta foi respondida errada. Com isso, é possível perceber que o jogo não está associado somente ao brincar, mais este pode ser utilizado como meio de propiciar o aprendizado, neste caso sendo utilizado para o ensino de Biologia. Como salienta Campos; Bortoloto e Felício (2003):”Os materiais didáticos são ferramentas fundamentais para os processos de ensino e aprendizagem, e o jogo didático caracteriza-se como uma importante e viável alternativa para auxiliar em tais processos por favorecer a construção do conhecimento ao aluno”.

A experiência com este estágio foi grandiosa, pois pude mergulhar no universo e na

cultura dos surdos, refletir sobre o processo ensino e aprendizado e quais recursos didáticos utilizar para uma melhor compreensão dos conteúdos de biologia.

O último estágio no Ensino Médio com a turma no terceiro ano foi realizado na Escola de Ensino Fundamental e Médio Felix de Azevedo. Nesta escola eu e meu colega de estágio tivemos grandes desafios, em especial a troca de horário do professor de biologia, tendo que modificar por diversas vezes nossos dias de atuação e planos de aula. Além dos desafios que eu e o outro estagiário encontrávamos na maneira de ministrarmos os conteúdos, em virtude dos dois terem percepções diferentes relacionadas ao ensino. Ele, mais voltado ao ensino mais tradicional e eu com a proposta de trazer nesta regência o cotidiano, o diálogo e estratégias pedagógicas de ensino. Esta experiência rendeu momentos de reflexão, escuta, diálogo, até decidirmos uma maneira conjunta de atuação em sala. A temática abordada foi sobre “Sexo e herança genética”. Decidimos usar como estratégias o uso de Data Show/Vídeo, Caixa da Curiosidade, Utilização de um jogo de tabuleiro e o círculo da paz. Desejo compartilhar o último dia de regência, a qual utilizamos do círculo da paz:

O círculo da paz é um encontro entre pessoas diretamente envolvidas uma situação e/ou um problema. Este encontro, orientado por um facilitador, segue um roteiro pré-determinado, proporcionando um espaço seguro e protegido onde as pessoas podem abordar o problema e construir soluções para o futuro. Os círculos podem ser de vários tipos como: diálogo, compreensão, restabelecimento, apoio, resolução de conflitos, entre outros de acordo com a situação apresentada (PRANIS, 2011).

Os diálogos que eu e meu colega de estágio fazíamos gerou em nós o respeito mútuo na forma de ministrarmos aula, onde pude olhar para sua forma de lecionar e ele para minha, não havia uma melhor proposta do que se utilizar desde círculo para que os alunos pudessem compartilhar da experiência de escuta. Trouxe esta proposta e juntos decidimos realizar, especialmente pelas observações feitas durante as observações em sala, onde estes alunos gostavam bastante do diálogo mais não eram ofertados a eles em sala.

Na apresentação houve uma mudança em relação ao tema pois íamos abordar as duas aulas de campo em que os alunos haviam participado no parque do cocó e na Seara da ciência, mas como este dia foi realizado no contra turno por conta dos horários do professor de biologia, haviam alunos de diversas séries além das do terceiro ano do Ensino Médio, decidimos usar como tema gerador a palavra “futuro”.

Iniciamos apresentando a proposta do círculo, em seguida a cerimônia de abertura com um momento de relaxamento ao dedilhar do violão, onde solicitamos que fechassem os olhos e sentissem cada parte do seu corpo, assim como a sua respiração, diminuindo o ritmo do

dia a dia e do momento do ensaio, entrando em contato com o ritmo do próprio círculo. Depois desse momento explicamos sobre o objeto da palavra (bastão da palavra), como objeto da escuta, passando de forma sequencial. O bastão é utilizado como forma de proporcionar o respeito a fala do outro. Usamos um galho de árvore para representá-lo.

Na primeira rodada foi realizado o Checkin (apresentação dos participantes): nome, série e uma palavra que ele espera para o futuro. Segue as palavras ditas pelos alunos: comida, esperança, paz, felicidade, esperança, liberdade, faculdade (2), namorada, amor, felicidade, harmonia, mudança, perseverança, sucesso, melhoria e vitória. Séries presentes: 8º, 9º, 1º, 2º, 3º. Seguimos apresentando as Peças de centro do círculo: Pano, Violão, Papeis, Canetinhas, Bastão, Serragem (Figura 14).

Figura 14- Ambiente preparado para o “Círculo da Paz”



Foto: Mateus Lima

Logo após, iniciamos a segunda rodada- Constituição de valores para nortear nosso encontro. Sendo solicitado aos alunos que escrevessem no papel do centro do círculo os valores e atitudes necessárias para um bom funcionamento e relacionamento, assim se não houvesse respeito diante os momentos recorriamos as palavras. Segue os valores/ atitudes colocadas: atenção (2), colaboração, silêncio, respeito (2), diálogo (2), amor para com os outros, solidariedade, consciência, paciência, união, cooperação. Juntos ainda refletimos lendo os valores e atitudes o quanto se é necessário para se poder escutar o outro.

A terceira rodada consistiu nas perguntas norteadoras que nesse caso foi necessário

novamente uma mudança. Nova pergunta: “Qual a sua perspectiva de vida após o término do terceiro ano?”. Seguem as respostas dos alunos: trabalho e faculdade, faculdade, faculdade de veterinária, advocacia (2), engenheiro civil, lutar pelos objetivos, doutora, arquiteta, mecânico, se esforçar para entrar na faculdade, bancário ou policial (dúvida em fazer sua vontade ou a dos pais). Ainda com este momento conversamos sobre o que era necessário para concretização destes sonhos.

Na cerimônia de encerramento foi pedido para que eles partilhassem como estavam se sentindo ao final do encontro. Seguem duas respostas:

- *Gostei! Nunca nos reuníamos para conversar, só se reuníamos quando há briga.*
- *Meus pais não conversam, vivem no celular.*

O círculo da paz promoveu um ambiente de diálogo e respeito, pois há uma preparação desde o momento inicial para se chegar ao objetivo proposto.

Em outubro de 2016 participei da seleção pública para Estágio na Secretaria Municipal da Educação – SME, mais somente em abril de 2017 sai o resultado, sendo selecionada, iniciando mais uma experiência em estágio, agora no programa Pró-Técnico, ficando lotada no Jardim Guanabara (Figura 15).

O “Pró-Técnico” é um programa da Secretaria Municipal da Educação (SME) que acontece em nove pólos espalhados pela cidade e pode atender a alunos do 9º ano de toda a rede municipal, conforme o número de vagas ofertadas. Os polos do Pró-Técnico estão nos bairros Vila Velha, Jardim Guanabara, Praia do Futuro, Edson Queiroz, João XXIII, Casimiro Montenegro, Luciano Carneiro, Granja Portugal e Messejana. O programa vem transformando a vida dos alunos ao ingressarem no ensino médio e/ou técnico integrado e profissionalizante, tanto nos cursos ofertados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), como nos demais da Rede Estadual, entre outros da iniciativa particular e/ou comunitária. (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2017)

Nesta experiência estive mais próxima dos alunos, em um convívio diário, planejando aula semanalmente, usando o diário de sala, além do diário pessoal, uma convivência com outros estagiários de diversos cursos além dos professores concursados. A sala se tornou meu laboratório, a cada semana tentava propor alguma estratégia, sempre me embasando teoricamente antes. Neste período instiguei trazer para sala as vivências dos alunos para construção do conhecimento, em especial proposta por Paulo Freire, não deixando de lado as artes, dinâmicas, o material didático e lúdico, no final da aula sempre que possível pedia feedback dos alunos, o qual era de grande valia para que eu pudesse melhorar minha atuação em sala. Utilizei a música como proposta de relaxamento e de conscientização sobre a voz do

professor, isto antes do início da aula, por conta da sala ser muito agitada, segue um dos meus escritos em meu diário pessoal de sala sobre estas vivências:

- A turma estava muito agitada, conversando bastante, então, tive que usar o momento musical (com quatro músicas com sons diversificados). Eles demoraram para fecharem os olhos entrarem na proposta. Ao término, a sala estava mais calma e silenciosa.

- Sala muito barulhenta, tive que usar a dinâmica do som, a sala levou na brincadeira, mas tive que fazer o momento de conscientização sobre a voz do professor associando com a importância da voz para o músico, assim como o corpo para bailarina.

Como salienta Moreira; Santos e Coelho (2014), a música pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos.

As experiências adquiridas nas bolsas citadas ao longo deste trabalho, foram fundamentais, sendo aplicado no que era possível ser aplicado em sala, percebendo a diversidade dos alunos com as mais variadas realidades. Aprendi a usar e organizar o quadro, na forma de colocar os tópicos, dicas de canais na internet confiáveis para estudo em casa, data do dia, saber quais frases essenciais sobre o assunto para que eles copiassem, tudo isto fui aprendendo na vivência diária. Não posso deixar de salientar que nestas experiências houve semanas a qual não utilizei nenhuma estratégia pela preocupação dos conteúdos a serem abordados, refletindo e logo voltando ao que acreditava. Segue um escrito sobre este dia:

- Quase no final da aula fiquei tão preocupada com o conteúdo que não percebi que a aula não iria mais render, um dos alunos disse: -Deixa para próxima aula, o final!. Mesmo assim insisti continuar, o que me fez pensar que estava agindo como a maioria dos professores que só querem terminar o assunto e não pensam no aprendizado.

Tive momentos de desânimo, por planejar uma aula e não conseguir realizar, pela falta de interesse dos alunos que muitas vezes não queriam assistir aula ou pela falta de recurso do local. Trago outro escrito do meu diário de sala que retrata a esperança:

- Fui surpreendida ao entrar em sala e uma das alunas me pediu uma roda de conversa. Como não aceitar um pedido deste? Foi um ânimo para continuar acreditando em uma aula dialógica.

Ao escrever no diário refletia sobre como tinha atuado em sala, o comportamentos dos alunos, assim trazia a tona minha prática, podendo assim melhorar e propor coisas novas.

Segundo Porter et al (1990), diz que o uso dos diários para o desenvolvimento de descrições das próprias aulas para posterior reflexão sobre elas, pode vir a servir como um instrumento de auto-avaliação.

Figura 15- Pró-técnico- Jardim Guanabara



Foto: Ana Carolina

Neste estágio pude aos poucos ir me descobrindo como professora, de como a Edianne lecionava. Nos altos e baixos que iam acontecendo a cada dia, mas que com singelas palavras no decorrer das aulas iam fazendo com eu seguisse em frente sem desistir da educação, como: *“obrigada tia, você dá aula muito bem!*, *“ A melhor professora de biologia”*, *“Gosto dos seus porquês!”*, estas palavras nos faz seguir em frente, acreditando que é possível um ensino que não se transmita um conhecimento mais que se construa juntamente com os alunos. Pois, *“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”*. (FREIRE, 2014). A possibilidade de conviver com diversos professores, variadas percepções e pontos de vistas nos amadurece e a reflexão que fazemos vai além de meros julgamentos.

3.3.2.6 Produções na área da Educação durante o percurso no curso de Ciências Biológicas

Quero deixar registrados os trabalhos apresentados nos Encontros Universitários da UFC e os Encontros de Práticas Docentes durante estes anos no curso de Ciências Biológicas. São frutos gerados em cada bolsa e vivências tanto na universidade como fora desta, sendo alguns como autora e outros como coautora (Anexo F):

- A Célula: Jogo didático como Recurso para o ensino da Biologia Celular (2013)
- Utilização de mural informativo como ferramenta de comunicação e divulgação das atividades dos estudantes de ciências biológicas (2014)
- Quadro avaliativo e de sugestões como caminho metodológico para avaliação da disciplina instrumentalização para o ensino de ciências II (2014)
- Utilização da música como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem de microbiologia (2014)
- Filme Gattaca ? A experiência genética e a transposição didática para propiciar o ensino de genética no nível médio uma experiência do Pibid-Biologia (2014)
- Debate político ? Um exercício de cidadania a partir de uma atividade do Pibid biologia (2014)
- Instrumentalização para o ensino de microbiologia: simplificando o ensino de microbiologia na escola (2014)
- Pibid-biologia e o guia gastronômico do bairro de Messejana (2014)
- A arte como articuladora da teoria e da prática de professores (2015)
- Experiências de estágio de uma licencianda de biologia com alunos surdos (2017)

4 É O BASTANTE?

Revisitar minha história, perceber cada mudança que foi havendo, as experiências vividas em cada percurso foram essenciais para a forma que olho a educação hoje. Se é o bastante? Claro que não, cada sim diário da decisão em ensinar exige que eu me aprofunde na profissão que escolhi, é a busca do ser mais, do não acomodar-se e do formar-se diariamente. Quando entrar em sala não estarei estagiando, mas serei professora, e será que acaba também por aqui? Não, vai ser o momento de assumir-se como educadora também, não pensando somente no conteúdo, mais instigando os alunos aluno(a)s a se questionarem, terem o senso crítico, diálogo para que se haja um mútuo aprendizado. Eis o meu grande desafio pela frente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS, PARA ESTE PONTO DE CHEGADA

Adentrar na minha história por meio das narrativas autobiográficas, não foi fácil, é necessário que se diga, foi preciso uma pesquisa utilizando-se de variados recursos, como fotos, releituras de relatórios dos estágios, arquivos guardados de cada experiência nas bolsas e muitos outros, para se tentar chegar ao mais próximo daquilo que foi vivido.

As narrativas autobiográficas proporcionou olhar para minha história, perceber detalhes antes não percebidos, ressignificar e com isso compreender que os caminhos que trilhei tornou-se essencial na decisão diária que tenho em lecionar, desde a escolha no ensino médio, da minha primeira profissão em Economia Doméstica e as vivências neste curso e logo após a decisão de mudança de curso para Ciências Biológicas, as experiências no laboratório e na licenciatura. Neste revisitar percebi que a Edianne, hoje, após a escrita deste trabalho de conclusão de curso, se encontra no processo de uma nova etapa, para ter novas experiências e com isso continuar no processo de formação diária.

Hoje, com vinte e sete anos de idade, caminho tendo a certeza que nada foi em vão e que cada experiência foi significativa na forma que vejo a educação, na maneira que quero entrar novamente em sala de aula, agora como professora e o quanto ainda tenho a aprender. Caminho na certeza de que tudo que foi plantado será colhido na época certa, gerando uma bela colheita com bons frutos.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, G. M; ARAUJO, Z. R. Portfólio: conceitos básicos e indicações para utilização. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 137-148, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1281/1281.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.
- BONATTO, A. et al. Interdisciplinaridade no Ambiente Escolar. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPED, 2012. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501>>. Acesso em: 18 nov. 2017.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. **Pibid- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso: 17 nov. 2017.
- BRUNER, J. **Realidade Mental, Mundos Possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BUENO, B.O et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, mai./ago. 2006.
- CAMPOS, L. M. L.; BORTOLOTO, T. M.; FELICIO, A. K. C. A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem. **Cadernos dos Núcleos de Ensino**, São Paulo, p. 35-48, 2003. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2002/aproducaodejogos.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2017.
- CERQUEIRA, T. C. S. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 29-38, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v7n1/v7n1a05.pdf>>. Acesso em: 15. Nov. 2017.
- COSTA, E. V. A dialética invertida: 1969-1990. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.14, n. 27, p. 9-26, 1994. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3742>. Acesso em: 28 nov. 2017
- CROCKETT, T. The portfolio journey: a creative guide to keeping studentmanaged portfolios in the classroom. Englewood Colorado: **Teacher Ideas**. A Division of Libraries Unlimited, 1998
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biographie et éducation**. **Anthropos**, Paris: Anthropos, 2003.

FERRARA, L. **Olhar Periférico**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999

FERREIRA-ALVES, J.; GONÇALVES, O. F. **Educação narrativa do professor**. Coimbra: Quarteto Editora. 2001.

FORTUNATO, R.; CONFORTIN, R.; SILVA, R. T. Interdisciplinaridade nas escolas de Educação Básica: da retórica à efetiva ação pedagógica. **Revista de Educação do Ideau**, Alto Uruguai, v. 8, n. 17, p. 1-15, 2003. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/28_1.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 219-233, 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

FREITAS, R. L. Arte: Uma Práxis Humana. **Scias. COED**, Belo Horizonte, v. 2, n. 02, p. 100-114, 2014. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/SCIAS/article/view/482>>. Acesso em 20 nov. 2017.

GASTAL, M. L.A; AVANZI, M.R. Saber da experiência e narrativas autobiográficas na formação inicial de professores de biologia. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 21, n. 1, p. 149-158, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n1/1516-7313-ciedu-21-01-0149.pdf>>. Acesso em: 14. Nov. 2017.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1968.

KIMURA, A. H. et al. Microbiologia para o Ensino Médio e Técnico: Contribuição da Extensão ao Ensino e Aplicação da Ciência. **Revista Conexão**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 254-267, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/articulo/viewFile/5516/3664>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

KRASILCHIK, Myriam. **Prática de ensino de biologia**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011. Disponível em:<

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>. Acesso em: 14. Nov. 2017.

LIMA, M. E. C. C; GERALDI, C. M. G e GERALDI, J. W. O Trabalho Com Narrativas na Investigação em Educação. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 31, n.1, p. 17-44, jan./mar. 2015.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. Disponível em: <http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/05/manuscritos-economicos-e-filos%C3%B3ficos-_marx.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MATOSO, L. M. L. A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor: um relato de experiência. **Revista científica da escola da saúde**, Catussaba , v. 3, n. 2, p. 77-83, abr. / set.. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unp.br/index.php/catussaba/article/download/567/461>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

MEC/SECADI. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acesso em: 22 nov. 2017

MOREIRA, A. C; SANTOS, H.; COELHO, P. I. S. A música na Sala de aula: música como recurso didático. **UNISANTA Humanitas**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014. Disponível em: <periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/download/273/274>. Acesso em: 30 nov. 2015.

PORTER, P.A., GOLDSTEIN,I.M., LEATHERMAN,J. & CONRAD,S. 1990. An ongoing dialogue: learning logs for teacher preparation. In: J.C. RICHARDS & D. NUNAN (Eds.). *Second Language Teacher Education*, Cambridge: Cambridge University Press.

PRANIS, K. **Círculo de justiça restaurativa e de construção de paz: guia do facilitador**. Rio Grande do Sul: Artes Gráficas, 2011.

PREFEITURA DE FORTALEZA, **Programa Pró-Técnico**. Disponível em: <<http://educacao.fortaleza.ce.gov.br/index.php>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

RIOS, F. T. A.; MOREIRA, W.W. A importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem. **Evidência**, Minas Gerais, v. 11, n. 11, p. 49-58, 2015. Disponível em: <<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/viewFile/468/447>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ROSEN, D. D. Problem solving and reflective thought: John Dewey, Linda Flower, Richard Yong. **Journal of Teaching Writing**, v. 6, n.1, p. 69-78, 1998.

SANTANA, A.P; BERGAMO, A. Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SAVELI, E. L. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.1, n. 1, p. 93-105, jan./jun. 2006.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. São Paulo: [s.n.], 2005. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/file.PostFileLoader.html?id...assetKey>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ. **Instituto Cearense de educação de Surdos-ICES**. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.ices.seduc.ce.gov.br/index.php/escola/historia>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SCALABRIN; I. C.; MOLINARI, A. M. C. A Importância da Prática do Estágio Supervisionado nas Licenciaturas. **Rev. Unar.**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 1-12, 2013. Disponível em: <http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SOUZA, E.C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, E. C. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>>. Acesso em: 15. Nov. 2017

SOUZA, E. C.; SOUSA, C. P.; CATANI, D. Barbara. La reserche (auto)biographique et l'invention de soi au Bresil. Colloque International (1986-2007) Le Biographique, la réflexivité et les temporalités. Articuler Langues, cultures et formation. Université François-Rabelais, 25-27 juin 2007, Tours-França.

SOUZA, E. C. **Histórias de vida e formação de professores**. [Rio de Janeiro]: Salto para o futuro, 2007. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/104711Historias2.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

**ANEXO A- COMPROVANTE DE ENTRADA NO CURSO DE ECONOMIA
DOMÉSTICA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
DIVISÃO DE PLANEJAMENTO E ENSINO

COMPROVANTE DE CADASTRO

EDIANNE COUTINHO DE LIMA E SILVA, classificado(a) no Concurso Vestibular de 2009, para o Curso de ECONOMIA DOMESTICA, efetuou matrícula prévia nesta Pró-Reitoria de Graduação para o 2º período de 2009 conforme matrícula nº 0310920, estando assim, apto(a) a matricular-se em disciplinas no período acima mencionado.

OBSERVAÇÕES:

Caro aluno,
Você está recebendo o seu Comprovante de Cadastro 2009.2.

No período de 13 a 18/07/2009, você poderá consultar os horários das aulas através do sistema SOFIA.

Para isso, acesse <http://www.sofia.ufc.br> e preencha os seguintes dados nos campos:

Identificador: 04812386381

Senha: EDIANNE

Após efetuar a atualização dos seus dados cadastrais, você poderá verificar as suas matrículas.

Atenciosamente,
COPIC/PRGR.

ANEXO B- CURSOS DE RECÉM-INGRESSO 2009



**ANEXO C- RESULTADO DA SELEÇÃO PARA MUDANÇA DE CURSO 2013.1-
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	6.870	Aprovado
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	6.665	Aprovado
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	EDIANNE COUTINHO DE LIMA E SILVA	6.270	Aprovado
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	5.835	Desclassificado Vaga
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	5.409	Desclassificado Vaga
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	5.275	Desclassificado Vaga
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	5.120	Desclassificado Vaga
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	4.974	Desclassificado Vaga
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	4.675	Desclassificado Vaga
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	4.512	Desclassificado Vaga
FORTALEZA - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA	[REDACTED]	3.776	Desclassificado Vaga

ANEXO D- MÚSICA- CIRANDA DA BAILARINA

Ciranda de Bailarina

Procurando bem
 Todo mundo tem
 Organismos que não nos fazem bem,
 Porém muitos deles são essenciais também
 Seja na fermentação, na digestão ou na decomposição

Veja muito bem
 Não tem pé não tem cabeça,
 mas parece uma bailarina
 Essa bactéria
 Ela é muito habilidosa
 Ela está em cima de você
 Está no seu cabelo, no seu pé, no céu da boca
 E diante dos seus olhos, veja bem

Procurando bem
 Todo mundo tem
 Caxumba na bochecha
 Romeu e Julieta
 Vasculhando todo mundo tem
 Dor no ouvidinho
 Bochecha e Claudinho

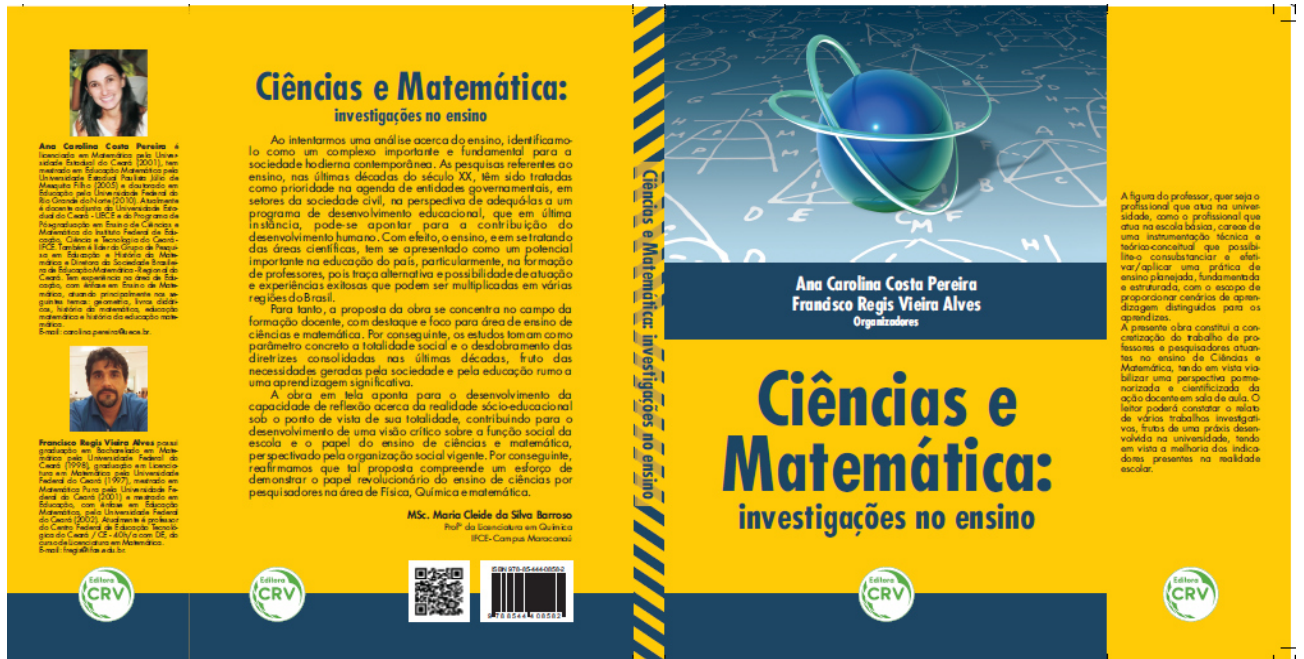
Procurando bem
 Até a bailarina micróbio tem
 E. coli na barriga todos tem
 Num iorgute bem gelado
 Que bebo fim de tarde
 Com lactobacilos que fazem bem.

Procurando bem
 Todo mundo tem gastura
 Picada de muriçoca ou alergia
 E tem rinite, asma e bactéria
 Só a bailarina que não tem

Procurando bem
 Todo mundo tem
 Desde os dedos até dentro da barriga
 Todo mundo tem ceroto depois de um longo dia
 Só a bailarina que não tem
 Lactobacilos, Staphylococcus, E coli
 Quem não tem

Procurando bem
 Todo mundo tem bactérias
 Em seu corpo inteiro
 Elas lhe ajudam na digestão
 E também na excreção s
 Só a bailarina que não tem
 Até as plantinhas usam as bactérias
 Elas ajudam na fixação do nitrogênio no chão.

ANEXO E- PUBLICAÇÃO DE UM ARTIGO EM UM LIVRO- PIBIC



Ana Carolina Costa Pereira é licenciada em Matemática pela Universidade Estadual do Ceará (2001), tem mestrado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (2005) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012). Atua como a docente adjunta da Universidade Estadual do Ceará - UCEC e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Também é líder do Grupo de Pesquisas em Educação e História da Matemática e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação Matemática - Regional do Ceará. Tem experiência no ensino de Matemática, com ênfase em Ensino de Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: geometria, física didática, história da matemática, educação matemática e história da educação matemática.
E-mail: caroline.pereira@ucec.br



Francisco Regis Vieira Alves possui graduação em Bacharelado em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (1998), graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (1997), mestrado em Matemática pela Universidade Federal do Ceará (2001) e mestrado em Educação, com ênfase em Educação Matemática, pela Universidade Federal do Ceará (2002). Atua como professor do Curso Federal de Educação Tecnológica do Ceará / CET - 60764 com 26 de anos de experiência em Matemática.
E-mail: frvg@ufc.br

Ciências e Matemática:
investigações no ensino

Ao intentarmos uma análise acerca do ensino, identificamo-lo como um complexo importante e fundamental para a sociedade moderna contemporânea. As pesquisas referentes ao ensino, nas últimas décadas do século XX, têm sido tratadas como prioridade na agenda de entidades governamentais, em setores da sociedade civil, na perspectiva de adequá-las a um programa de desenvolvimento educacional, que em última instância, pode-se apontar para a contribuição do desenvolvimento humano. Com efeito, o ensino, e em se tratando das áreas científicas, tem se apresentado como um potencial importante na educação do país, particularmente, na formação de professores, pois a traça alternativa e possibilidade de atuação e experiências exitosas que podem ser multiplicadas em várias regiões do Brasil.

Para tanto, a proposta da obra se concentra no campo da formação docente, com destaque e foco para área de ensino de ciências e matemática. Por conseguinte, os estudos tomam como parâmetro concreto a totalidade social e o desenvolvimento das diretrizes consolidadas nas últimas décadas, fruto das necessidades geradas pela sociedade e pela educação rumo a uma aprendizagem significativa.

A obra em tela aponta para o desenvolvimento da capacidade de reflexão acerca da realidade sócio-educacional sob o ponto de vista de sua totalidade, contribuindo para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a função social da escola e o papel do ensino de ciências e matemática, perspectivado pela organização social vigente. Por conseguinte, reafirmamos que tal proposta compreende um esforço de demonstrar o papel revolucionário do ensino de ciências por pesquisadores na área de Física, Química e matemática.

MSc. Maria Cleide da Silva Barros
Profª da licenciatura em Química
IFCE - Campus Maracá



Ciências e Matemática: investigações no ensino

Ana Carolina Costa Pereira
Francisco Regis Vieira Alves
Organizadores

Ciências e Matemática:
investigações no ensino

A figura do professor, quer seja o profissional que atua na universidade, como o profissional que atua na escola básica, carece de uma instrumentação técnica e teórico-conceitual, que possibilite o consultório e a efetivar/aplicar uma prática de ensino planejada, fundamentada e estruturada, com o escopo de proporcionar condições de aprendizagem distinguidas para os aprendizes.

A presente obra constitui a concretização do trabalho de profissionais e pesquisadores atuantes no ensino de Ciências e Matemática, tendo em vista viabilizar uma perspectiva permeabilizada e sistematizada do ato docente em sala de aula. O leitor poderá constatar o relato de vários trabalhos investigativos, fruto de uma prática desenvolvida na universidade, tendo em vista a melhoria das indicadores presentes na realidade escolar.

EIXO 2

ESTUDOS SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS

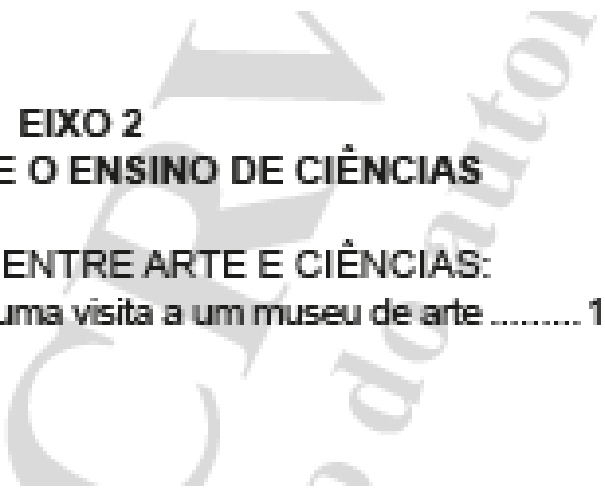
INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE ARTE E CIÊNCIAS:

percepções de estudantes em uma visita a um museu de arte 105

Raphael Alves Feitosa

Amanda Helton Gomes de Mesquita

Elienne Coutinho de Lima e Silva



**ANEXO F- TRABALHOS APRESENTADOS NOS ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS
E NOS ENCONTROS DE PRÁTICAS DOCENTES- UFC- CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**Universidade Federal do Ceará
Pró-Reitoria de Graduação
Encontros Universitários 2013**

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho **A CÉLULA: JOGO DIDÁTICO COMO RECURSO PARA O ENSINO DA BIOLOGIA CELULAR** do(s) autor(es) **Andreza Maciel Rocha, Edianne Coutinho de Lima e Silva, Felipe Alecrim Dourado Moitinho, Marina Kairy de Sousa Rodrigues e Nathalia Braga Fayão Oliveira** foi apresentado no XXII Encontro de Iniciação à Docência realizado no período de 27 a 29 de Novembro de 2013.

Fortaleza, 14 de Janeiro de 2014



Custódio Luis Silva de Almeida
Pró-Reitor de Graduação



Sônia Maria Araújo Castelo Branco
Coordenadora de Acompanhamento Discente

Emitido em <http://www.prppg.ufc.br/eu2013.ufc.br> (Certificados)

**Universidade Federal do Ceará
Pró-Reitoria de Graduação
Encontros Universitários 2014**

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho **QUADRO AVALIATIVO E DE SUGESTÕES COMO CAMINHO METODOLOGICO PARA AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS II** do(s) autor(es) **Raul Vasconcelos Rodrigues, Edianne Coutinho de Lima e Silva, Lainy Rodrigues Vieira Santos, Sintique Fragozo Alves e Christiano Franco Verola** foi apresentado no XXIII Encontro de Iniciação à Docência realizado no período de 22 a 24 de Outubro de 2014.

Fortaleza, 19 de Dezembro de 2014



Custódio Luis Silva de Almeida
Pró-Reitor de Graduação



Sônia Maria Araújo Castelo Branco
Coordenadora de Acompanhamento Discente

Emitido em <http://www.prppg.ufc.br/eu/2014> (Certificados)

**Universidade Federal do Ceará
Pró-Reitoria de Graduação
Encontros Universitários 2014**

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho UTILIZAÇÃO DE MURAL INFORMATIVO COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DOS ESTUDANTES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS do(s) autor(es) Lainy Rodrigues Vieira dos Santos, Sintique Alves Fragoso, Edianne Coutinho de Lima e Silva e Christiano Franco Verola foi apresentado no IV Encontro de Monitoria de Projetos da Graduação realizado no período de 22 a 24 de Outubro de 2014.

Fortaleza, 01 de Dezembro de 2017


Custódio Luis Silva de Almeida
Pró-Reitor de Graduação


Cláudio de Albuquerque Marques
Coordenador Geral de Programas Acadêmicos

Emitido em <http://www.prppg.ufc.br/eu/2014> (Certificados)

**Universidade Federal do Ceará
Pró-Reitoria de Graduação
Encontros Universitários 2014**

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA O ENSINO DE MICROBIOLOGIA: SIMPLIFICANDO O ENSINO DE MICROBIOLOGIA NA ESCOLA do(s) autor(es) Edianne Coutinho de Lima e Silva, Lainy Rodrigues Vieira Santos e Christiano Franco Verola foi apresentado no XXIII Encontro de Iniciação à Docência realizado no período de 22 a 24 de Outubro de 2014.

Fortaleza, 29 de Novembro de 2014


Custódio Luis Silva de Almeida
Pró-Reitor de Graduação


Sônia Maria Araújo Castelo Branco
Coordenadora de Acompanhamento Discente

Emitido em <http://www.prppg.ufc.br/eu/2014> (Certificados)

Universidade Federal do Ceará
 Pró-Reitoria de Graduação
 Encontros Universitários 2014

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE MICROBIOLOGIA do(s) autor(es) Lainy Rodrigues Vieira dos Santos, Edianne Coutinho de Lima e Silva e Christiano Franco Verola foi apresentado no XXIII Encontro de Iniciação à Docência realizado no período de 22 a 24 de Outubro de 2014.

Fortaleza, 08 de Janeiro de 2015


 Custódio Luis Silva de Almeida
 Pró-Reitor de Graduação


 Sônia Maria Araújo Castelo Branco
 Coordenadora de Acompanhamento Discente

Emitido em <http://www.prppg.ufc.br/eu/2014> (Certificados)

Universidade Federal do Ceará
 Pró-Reitoria de Graduação
 Encontros Universitários 2014

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho PIBID-BIOLOGIA E O GUIA GASTRONÔMICO DO BAIRRO DE MESSEJANA do(s) autor(es) Olga Lisboa Nobre Pereira, Wladia Nascimento Silva Edianne Coutinho de Lima e Silva, Gabriel Chagas de Lima Jorge Henrique Oliveira Silva, Marília Silva Rocha Victor Gentil Leite de Araújo e José Alderi Oliveira Lima foi apresentado no XXIII Encontro de Iniciação à Docência realizado no período de 22 a 24 de Outubro de 2014.

Fortaleza, 29 de Novembro de 2014


 Custódio Luis Silva de Almeida
 Pró-Reitor de Graduação


 Sônia Maria Araújo Castelo Branco
 Coordenadora de Acompanhamento Discente


Emitido em <http://www.prppg.ufc.br/eu/2014> (Certificados)


**Universidade Federal do Ceará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Encontros Universitários 2015**

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho A ARTE COMO ARTICULADORA DA TEORIA E DA PRÁTICA DE PROFESSORES do(s) autor(es) Edianne Coutinho de Lima e Silva e Patrícia Victória Lima Lindolfo foi apresentado no XXXIV Encontro de Iniciação Científica realizado no período de 25 a 27 de Novembro de 2015.

Fortaleza, 16 de Dezembro de 2015


Gil de Aquino Farias
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação


Kaimundo Wilane de Figueiredo
Coordenador de Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
 GRUPO DE TRABALHO DAS LICENCIATURAS – GTL
 PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA -
 PIBID

CERTIFICADO

Certifico que o trabalho intitulado **FILME "GATTACA – A EXPERIÊNCIA GENÉTICA" E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO ENSINO DE GENÉTICA PARA O NÍVEL MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID-BIOLOGIA**, tendo como autor(a) principal **Edianne Coutinho de Lima e Silva** e como co-autor(es) **Edianne Coutinho de Lima e Silva**, orientado por **JOSE ROBERTO FEITOSA SILVA** foi apresentado na modalidade , no VIII Encontro de Práticas Docentes/ II Seminário Institucional de Iniciação à docência, realizado nos dias 06 e 07 de novembro de 2014, na Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Ceará.

Fortaleza, 08 de dezembro de 2014.


**PROFA. DRA. CARMENSITA MATOS
 BRAGA PASSOS**
 Coordenadora do PIBID


**PROFA. DRA. ANTONIA ROZIMAR
 MACHADO E ROCHA**
 Coordenadora do GTL


**PROF. DR. CUSTÓDIO LUIS SILVA DE
 ALMEIDA**
 Pró-Reitor de Graduação

EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO DE UMA LICENCIANDA DE BIOLOGIA COM ALUNOS SURDOS

XI Encontro de Práticas Docentes / V Seminário Institucional de Iniciação à Docência

Edianne Coutinho de Lima E Silva, Jose Roberto Feitosa Silva

O estágio supervisionado é um grande aliado na relação entre teoria e prática, onde a teoria aprendida na universidade se torna concreta na prática realizada no âmbito escolar. O Estágio Supervisionado no Ensino Médio I disciplina do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará foi realizado no Instituto Cearense de Educação de Surdos - Ices com alunos do primeiro e segundo ano. No ensino de surdos faz-se necessário que o professor se abra a novas percepções, já que os alunos surdos necessitam de recursos visuais para uma melhor compreensão nas aulas. No estágio foi observada a rotina, a estrutura escolar e realizada regência. Nestas observações foi percebida falta de materiais lúdicos e visuais para uma aula que instigasse os alunos a uma maior participação. No primeiro dia de regência foi realizado o jogo da velha sobre as relações ecológicas confeccionado pela estagiária, que levou os alunos a revisarem o assunto associarem a imagem e a linguagem utilizada. No segundo dia de regência outro jogo foi realizado, o Quiz do reinos das plantas e o Quiz da Origem da vida. Nestes haviam perguntas sobre o que havia sido abordado em sala, e eles deveriam discutir entre si e levantar as placas "certo" ou "errado" e logo após explicar o porquê da resposta. Foi percebida uma maior compreensão do assunto abordado, assim as dinâmicas realizadas em grupo incentivaram suas interações. O maior desafio encontrado diante o estágio foi o de trazer o assunto de biologia para os alunos surdos, pois estes tem uma língua própria a LIBRAS- Língua brasileira de sinais, em virtude de muitos termos biológicos ainda não existirem nesta Língua. A experiência de estágio com alunos surdos foi grandiosa, sendo possível um mergulho na cultura surda, assim como a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizado e a busca de novos recursos didáticos para uma melhor compreensão dos conteúdos de biologia.

Palavras-chave: Ensino de Biologia. Educação Inclusiva. Ludicidade no ensino de biolog. Formação de professores.